

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

AMANDA LORENA BEZERRA PEREIRA

**ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO UTILIZADAS POR
PROFESSORES NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO**

**São Cristóvão – SE
2022**

AMANDA LORENA BEZERRA PEREIRA

**ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO UTILIZADAS POR
PROFESSORES NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dalila Xavier de França

**São Cristóvão – SE
2022**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

P436e Pereira, Amanda Lorena Bezerra
Estratégias de enfrentamento do racismo utilizadas por professores
no âmbito da educação / Amanda Lorena Bezerra Pereira ; orientadora
Dalila Xavier de França. – São Cristóvão, SE, 2022.
123 f.

Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de
Sergipe, 2022.

1. Psicologia. 2. Racismo. 3. Escolas. I. França, Dalila Xavier de,
orient. II. Título.

CDU 316.647.8:37

**ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO UTILIZADAS POR
PROFESSORES NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

Profa. Dra. Dalila Xavier França
Universidade Federal de Sergipe/ UFS
Orientadora/ Presidente

Profa. Dra. Kaline da Silva Lima
Universidade Federal de Sergipe
Membro interno

Profa. Dra. Patrícia da Silva
Universidade Federal do Acre
Membro externo

Aos meus pais, Maria de Fátima Lima Bezerra, José Jurandir Pereira (In memoriam) e ao meu filho, Oliver Bezerra Pereira Argol

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a minha mãe, por colocar minha educação em primeiro lugar, incentivando a estudar e a me tornar um ser humano melhor e ao meu pai que infelizmente não pôde ter a experiência de ver minhas conquistas. Ao meu tio, Michel Soares, que tem acompanhado minha jornada acadêmica, me proporcionando apoio, se fazendo presente em suas ações, mesmo morando longe.

Sou grata aos meus lindos irmãos e Irmã. Arthur, Léo, Juliana e em especial a Kayque, por me prestar diversas formas de apoio, desde já peço perdão por ser ausente em algumas vezes.

Agradeço ao meu filho, Oliver por ser meu motivo onde posso encontrar forças, sem você, talvez eu nem iria conseguir. Ao meu esposo Lucas, por se orgulhar de mim, pela paciência, por ser amoroso comigo e ser dono de tantas outras qualidades, que me faz a cada dia querer passar a vida ao seu lado.

Sou muito grata a vida por ter me presenteado com a amizade de Ueliton, que esteve e está ao meu lado, me incentivando, não me deixando desistir, acreditando em minha capacidade, mesmo quando não o fiz. Meu reconhecimento eterno, seu suporte colaborou muito para o meu crescimento como pesquisadora.

Agradeço as Políticas Públicas criadas no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, sem elas eu não teria a oportunidade de me graduar.

Aos integrantes do grupo de Pesquisa Socialização das Atitudes Intergrupais e racismo, pelas trocas e ricas experiências. Gratidão principalmente à minha querida amiga Bárbara, essa tia que Oliver tanto gosta, obrigada por me ouvir, aconselhar e ser um braço amigo, com o seu jeitinho meigo e encantador. Regracio

as amigas Enne, Joana e Paloma por terem me acolhido quando mais precisei.

Obrigada à professora Patrícia e a professora Kaline que aceitaram realizar a leitura desse trabalho, destacando sugestões que contribuíram significativamente esse estudo.

Sou grata também as professoras e professores que aceitaram participar dessa pesquisa e ao diretor da escola a qual realizei o grupo focal pelo acolhimento.

Por último e não menos importante, a minha orientadora professora Dalila, obrigada parceria, sugestões e por disponibilizar seu tempo tirando todas as minhas dúvidas.

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”

Angela Davis

.LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capturas de tela do vídeo com insultos racistas contra aluno em grupo de WhatsApp.....	64
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Seleção dos bancos de dados, palavras-chave e suas respectivas quantidades encontradas.....	53
--	----

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1.** Autores incluídos, com seus respectivos anos de publicação, título, objetivo e área de pesquisa..... 53
- Quadro 2.** O que faria se uma situação semelhante à do vídeo acontecesse com um dos seus alunos?.....72
- Quadro 3.** Algum aluno já se queixou de ocorrência de racismo com ele ou com outra pessoa? Me descreva o fato. O que fez?.....75
- Quadro 4.** Você já presenciou alguma situação de racismo na escola em que trabalha? Se sim, conte como foi a experiência e como você reagiu a cada situação.....79
- Quadro 5.** A idade do aluno é algo que você leva em consideração ao desenvolver algum trabalho com foco no tema do racismo? Relate como você faz ou faria um trabalho de enfrentamento ao racismo de acordo com as faixas etárias das crianças.....84
- Quadro 6.** Pergunta 5- Na escola em que você ensina, você costuma notar qual a cor dos seus estudantes? Desenvolve algum trabalho ou aplica conteúdo sobre racismo na sua sala de aula levando em conta a cor dos seus alunos?.....88

RESUMO

O enfrentamento do racismo no âmbito escolar é o caminho para uma educação democrática, que garante os direitos da diversidade racial. O fato de haver no Brasil disparidades entre grupos, em razão do racismo, torna a educação antirracista urgente, assim como a realização de estudos que analisem e apresentem estratégias de enfrentamento ao racismo no âmbito da educação escolar. Este trabalho tem como objetivo analisar um conjunto de estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores. Foram construídos três capítulos, dois de estudos teóricos e um de estudo empírico. No primeiro estudo teórico, apresentamos as definições de fenômenos estudados no trabalho, a exemplo do racismo e de sua manifestação no contexto escolar. Já no segundo, tratamos de uma revisão de estudos sobre estratégias de enfrentamento ao racismo na escola. Por fim, no terceiro capítulo, realizamos um estudo empírico com professores, com o objetivo de examinar as principais práticas utilizadas por eles visando o enfrentamento ao racismo na escola.

Palavras-chave: Racismo; Estratégias de enfrentamento ao racismo; Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: Racismo no contexto escolar	20
Resumo.....	20
Introdução.....	20
Racismo Institucional: um caminho para pensar as relações raciais na escola.....	22
Socialização racial na Escola.....	27
Considerações Finais.....	35
CAPÍTULO 2: Estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores	37
Resumo.....	37
Introdução.....	37
Racismo e estratégias de enfrentamento: por uma escola livre dos efeitos do racismo.....	38
Alguns desafios a serem vencidos.....	48
Método.....	51
Critérios de inclusão e exclusão.....	51
Resultados e discussões.....	52
Considerações finais.....	59
CAPÍTULO 3: Enfrentando o racismo na escola: análise de estratégias utilizadas por professores de uma escola pública	61
Resumo.....	61
Introdução.....	61
Método.....	63
Participantes.....	63
Procedimentos.....	63

Início do grupo focal.....	64
Roteiro do grupo focal.....	65
O que é o grupo focal.....	66
Resultados.....	70
Reações dos professores frente a situações de racismo observado.....	71
Estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores.....	75
Especificando como professores lidam com manifestação do racismo.....	78
O desenvolvimento do aluno e o enfrentamento do racismo pelos professores.....	83
A cor dos estudantes e a adequação dos conteúdos ministrados no enfrentamento do racismo pelos professores.....	88
CAPÍTULO 4: Discussão.....	92
Reações dos professores frente a situações de racismo observado.....	92
Estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores.....	94
Especificando como professores lidam com manifestação do racismo.....	96
O desenvolvimento do aluno e o enfrentamento do racismo pelos professores.....	98
A cor dos estudantes e a adequação dos conteúdos ministrados no enfrentamento do racismo pelos professores	99
Conclusões.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO	103
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICE.....	121

INTRODUÇÃO

No dia 27 de maio de 2022, uma criança negra, com três anos de idade, foi vítima de racismo em uma escola da rede municipal em Itaquera, na Zona Leste de São Paulo¹. O crime foi denunciado por sua mãe, que notou as professoras do seu filho escolherem a criança negra, que já estava caracterizada como palhaço, para usar uma máscara de macaco. A criança estava fantasiada de palhacinho, com o acessório do nariz vermelho e pintura facial. Ao chegar na festa da escola, as professoras retiraram o nariz vermelho e colocaram uma máscara de macaco no menino ao som da música “você virou, você virou um macaco”. Este caso ganhou repercussão nacional, não apenas pela forma cruel como a criança negra foi exposta, mas também pelo fato de que este não é um caso isolado. Assim como esse, outros casos de racismo ocorrem contra crianças negras brasileiras, desde a mais tenra idade.

Este fato chamou a atenção para o contexto no qual a criança foi vítima de racismo: a escola, tendo sido a discriminação perpetrada por professoras dessa criança pequena. A expressão do racismo no contexto escolar tem sido estudada por pesquisadores brasileiros. Especialistas nessa área têm se preocupado com as experiências de racismo, preconceito e discriminação que crianças negras vivenciam ao serem inseridas no contexto escolar. Por exemplo, Cavalleiro (2001) notou o tratamento de alunos negros e brancos na educação infantil expondo a existência de diferenças na maneira como eles são tratados, analisando que os brancos são elogiados e acolhidos por meio de abraços e beijos de contato físico,

1

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/03/mae-denuncia-caso-de-racismo-contra-filho-de-3-anos-fantasiado-de-macaco-em-escola-municipal-de-sp.ghtml>

que atesta a existência de carinho, diferindo do tratamento de estudantes negros por receberem pouco estímulo e pouco contato físico confirmando, assim, que o afeto ofertado é menor.

Outra constatação, se refere ao currículo escolar, que muitas vezes, acaba por reproduzir o racismo vigente na sociedade mais ampla. Como afirma Antunes (2021), mesmo com a existência de debates sobre o quanto o racismo afeta negativamente o grupo dos negros, no Brasil, ainda se vê nas escolas um currículo eurocêntrico, visto que o padrão existente é a ordem da supremacia branca. Nesses documentos, é comum encontrar a história das pessoas negras reduzidas a escravidão e os brancos correlacionados aos europeus e asiáticos, esses últimos como trabalhadores (Santos, 2018).

No lugar de origem dos negros, (a África), costuma-se mostrar mais as dificuldades do que as riquezas e contribuições desse continente, como por exemplo, evidencia a pobreza e pessoas morrendo devido à falta de alimentos. O que uma criança negra deve pensar sobre esses materiais que naturalizam o sofrimento de pessoas negras? Pensar essa dinâmica de como esses materiais afetam os indivíduos não brancos deve ser levada a sério, pois a reprodução dessas crenças pode afetar o enfrentamento do racismo (Cavalleiro, 2005).

Na sociedade brasileira, percebe-se que o grupo dos negros vive em desigualdade quando comparado ao grupo dos brancos. São muitas as disparidades existentes entre esses dois grupos, sendo o primeiro grupo vítima do racismo nas escolas, nas ruas, nos hospitais, no trabalho, nas universidades e nas mídias, ou seja, deparam-se constantemente com situações de discriminação, preconceito e segregação (Carneiro, 2015). A imagem negativa nos livros didáticos,

a ausência significativa de estudantes negros em cursos universitários de grande status social (Medicina, Odontologia, Direito, Psicologia, dentre outros), os personagens subalternos dados aos negros nos programas de TVs e em novelas e o encarceramento massivo da população negra são alguns exemplos de como o racismo tem agido, sistematicamente, contra o grupo dos negros (Lima, 2020; Nunes, 2010). Existem desafios que perpassam a esfera do enfrentamento do racismo, um deles é a implementação de estratégias dentro do sistema educacional, com o objetivo de efetivar a luta na erradicação o racismo (Munanga, 1999).

Intelectuais e movimentos sociais, em especial, o Movimento Negro têm cobrado das escolas posturas antirracistas, para diminuir as desigualdades que existem fora do âmbito escolar e dentro desse espaço (Lima, 2010). Foi devido a esses movimentos que a Lei 10.639/2003 foi sancionada trazendo a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” para as escolas (Santos *et al.* 2014). A partir dessa Lei, entende-se que a escola é fundamental para produzir relações mais justas, com o intuito de diminuir as consequências que o racismo produziu e vem produzindo na sociedade e que, não despropositadamente, também se faz dentro dos espaços escolares.

Para Ucelli (2016), a unidade de ensino educacional deve propiciar um ambiente privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento das diferenças e das múltiplas identidades, pois a formação cidadã prioriza o desenvolvimento pleno dos sujeitos nela inseridos (Silva & Reis, 2015). É fundamental, nesse sentido, compreender a escola como uma instituição condicionada politicamente, de modo que é crucial que esse espaço considere o compromisso de enfrentar o racismo, ao mesmo tempo em que exercite a construção de uma proposta contra-hegemônica voltada para transformação social (Lima & Rezende, 2009).

Embora o racismo seja um fenômeno que marca as relações raciais na sociedade, no Brasil, ainda existe uma negação da existência do racismo e a falsa ideia de igualdade que fez surgir o mito da democracia racial, ideia de que negros e brancos vivem em condições de igualdade jurídica. Essa proposta tem o potencial de disfarçar atitudes racistas que se polarizam em diversos espaços sociais (Bernardino, 2002). Os termos: “igualdade” e “democracia racial” foram incorporados com o objetivo de passar a ideia de que o Brasil era civilizado, mas, acabaram potencializando o racismo quando afirmavam que as pessoas negras possuíam uma inferioridade natural a partir da biologia delas, através da admissão de ideologias e teorias raciais que se perpetuaram no decorrer de todo o século XIX, por meio do movimento eugenista (Guimarães, 2002).

Apesar de estar presente na Constituição de 1988 que todos são iguais e que devem ter os mesmos direitos e deveres, na prática, a efetivação dessa igualdade não será possível enquanto não houver conscientização acerca da importância de equidade entre gênero e raça. Portanto, é necessário compreender que uma parte da população negra permanece na exclusão, em condições de vulnerabilidade devido a realidade socioeconômica, muitas vezes, sendo resultado do racismo. Nesse sentido, entende-se o racismo como um sistema que impede condições de oportunidades iguais devido à origem social das desigualdades (Lima *et al.* 2020).

Vale dizer, que, para ocorrer modificações nessa estrutura social, é crucial que a sociedade possa alcançar um patamar de equidade entre branco e negro e que todos se responsabilizem pela superação do racismo (Souza, 2005). O sistema deve pautar suas ações nas singularidades, afinal, os problemas mudam de acordo com o indivíduo e requer medidas diferentes para cada um. Para contribuir com isso, Santos e Oliveira (2010) sugerem que iniciem denúncias políticas, para que

assim, efetivem aos poucos, mudanças e não apenas apresentar as linhagens sociais do sofrimento.

Neste trabalho temos como objetivo geral analisar as estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores. Entende-se que o racismo afeta, de forma negativa, crianças, sobretudo, no espaço escolar. Desse modo, é crucial instigar discussões sobre esse tema nessa instituição. Sendo assim, é importante dois pontos: refletir sobre como o corpo docente se posiciona frente a casos de racismo? Há estratégias para enfrentá-lo? Compreendendo a importância que a escola desempenha na vida das crianças, é considerável que os professores possam intervir sobre questões raciais, desconstruindo ideias distorcidas acerca dos povos negros e buscando valorizar as diferentes identidades raciais existentes ou mesmo negando e silenciando sobre o assunto. A esses e outros modos de agir referimos de estratégias enfrentamento ao racismo.

A presente pesquisa justifica-se por proporcionar discussões acerca do enfrentamento do racismo nas escolas, pois, ainda são insuficientes o número de produções nessa vertente. Acredita-se que esse estudo contribuirá para explicitar aspectos inerentes a essa realidade, exibindo e valorizando as diferentes identidades raciais. Essa escrita pode ser útil em mudanças de atitudes racistas, para que sejam diminuídas as consequências que o racismo produziu e, ainda, produz nas escolas promovendo a cultura de reconhecimento das diferenças e das múltiplas identidades. O conhecimento produzido poderá servir de auxílio para professores conduzirem melhor situações intergrupais de cunho étnico-racial.

A importância de lidar com o enfrentamento do racismo no âmbito escolar vai ao encontro da busca por uma efetivação de uma educação democrática, que possibilite que os direitos a diversidade racial sejam assegurados e amparados,

destacando o valor da igualdade de oportunidades, a fim de promover resultados positivos para as crianças negras e criar um ambiente saudável e de bem-estar para todas as crianças. Sabe-se que há manifestações de problemas sociais que carecem ser desveladas, desnaturalizadas e problematizadas. O racismo se enquadra como um desses problemas, e elucidá-lo com precisão ainda, se caracteriza como uma tarefa complexa, tendo em vista que ele é marcado por uma pluralidade de definições analíticas e de expressões, no entanto, o que não se pode negar é que ele opera de modo efetivo no mundo.

A escola é um importante ambiente na vida das crianças, nesse espaço, ela desenvolverá e estabelecerá suas primeiras relações com pessoas de diferentes grupos raciais, por meio do processo de socialização (França, 2013; Moreira-Primo & França, 2020). Relações positivas no espaço escolar contribuirão para um melhor bem-estar e desenvolvimento das crianças, bem como servirão de exemplo para a convivência em outras esferas da vida social. Uma perspectiva próxima foi levantada por Branch (2014), o qual enfatiza a importância de instigar os alunos a investigar através de pesquisas acerca de papéis e posições de visibilidade ocupada por pessoas negras.

Embora tenha havido crescimento nas investigações sobre combate ao racismo, o tema ainda demanda pesquisas, uma vez que lacunas no campo acompanham as mudanças nas formas de expressão do racismo em diferentes contextos, requerendo o uso de metodologias diversas em sua abordagem. A partir desse método de investigação que tem como diferencial a efetivação de um grupo focal, nele os professores expressam como eles pensam acerca do assunto e porque pensam, nesse sentido, importante retomar o objetivo geral: analisar as estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores.

A partir do objetivo geral apresentado foram propostos três objetivos específicos: observar como os professores lidam com manifestação do racismo; verificar se existe variação na forma como os professores trabalham o enfrentamento do racismo em pessoas de diferentes idades e analisar se os professores direcionam os conteúdos ministrados em função da saliência da cor da pele dos alunos na sala de aula, investigando, dessa forma, se os conteúdos ministrados relacionados ao enfrentamento do racismo se diferenciam em função do quantitativo de alunos por cor da pele.

Para alcançar esses objetivos foram desenvolvidos três estudos: dois teóricos e um empírico, que foram organizados nos capítulos descritos a seguir. No primeiro capítulo, foi desenvolvida uma sucinta apresentação sobre a temática racial dentro do contexto escolar, que serviu ao estudo na elaboração de questionamentos relativamente ao modo atual de como a instituição escolar se posiciona em relação ao racismo. Foram levados em consideração estudos sobre o racismo de forma geral, destacando o racismo institucional e pensando as relações raciais na escola. Ainda nesse capítulo, explanamos acerca do racismo estrutural que contribui com a naturalização de ideias que fortalecem a discriminação racial. Outro assunto citado, é a socialização racial na escola, entendida como indispensável quando se trata de traçar reflexões no que se refere ao desenvolvimento de pessoas que participam de sociedades racializadas.

No segundo capítulo, realizamos uma revisão integrativa, reunindo achados da literatura a respeito das estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas em escolas e/ou por professores. Apresentamos a importância do corpo docente e da instituição perceber o racismo como um fenômeno que marca as relações nesse

espaço, para que, assim, torne-se exequível a superação do racismo mediante de ações que promovam práticas de combate do racismo. Por meio dos estudos revisados foi possível notar que as práticas de racismo, ainda acontecem com frequência nas escolas.

No terceiro capítulo, apresentamos a pesquisa empírica de natureza qualitativa concretizada com docentes, analisada por meio do software IRAMUTEQ. Assim, foram investigadas a existência de estratégias de enfrentamento ao racismo aplicadas pelos professores de uma escola pública, localizada no interior da Bahia. Em seguida, descrevemos os objetivos; na sequência, o método, que inclui a caracterização dos participantes, procedimentos e instrumentos; e, por fim, a apresentação e análise dos dados do estudo empírico.

CAPÍTULO 1: RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

Resumo: Este capítulo tem por objetivo discutir como o racismo afeta as relações e as práticas escolares. Para isso, parte do conceito de racismo, com destaque para o racismo institucional, passando pela discussão sobre como a escola, enquanto instituição, opera a partir da lógica racista. Em seguida, reflete-se como a socialização racial aparece na escola e como os professores são peça fundamental nesse processo. Desse modo, o capítulo foi dividido em duas partes principais, a saber: “Racismo institucional: um caminho para pensar as relações raciais na escola” e “Socialização Racial na Escola”.

Palavras-chave: Racismo; Socialização racial; Escola.

Introdução

A escola, enquanto uma importante instituição social, é marcada pelas relações estruturantes do contexto em que se insere. Assim, em sociedades marcadas pelo racismo, ele não só tem a capacidade de moldar o funcionamento da escola, como faz com que esta seja, também, motor dessa estrutura. Levando isso em conta, o estudo a seguir parte do questionamento: como o racismo afeta as relações e as práticas escolares?

Entende-se aqui racismo como um processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de

comportamento (Lima & Vala, 2004). Desse modo, o racismo é um fenômeno que perpassa as relações grupais, acompanhado de discursos que tentam normalizar as diferenças existentes entre indivíduos (Pereira *et al.*, 2009).

O racismo é um problema social que carece ser desvelado, desnaturalizado e questionado. Explaná-lo, com precisão, ainda, se caracteriza como uma tarefa complexa, tendo em vista que ele é marcado por uma pluralidade de definições analíticas e ainda compreendido como um fator natural. No entanto, o que não se pode negar é que ele opera de modo efetivo no mundo. Entendendo que o racismo afeta os indivíduos e grupos de forma negativa, é crucial instigar discussões em instituições, sobretudo, no espaço escolar promovendo o letramento racial (Campos, 2017).

Acredita-se que a discussão que se segue tem potencial de contribuir com a ampliação do debate em torno da temática racial no espaço escolar. Considera-se que esse seja um passo na elaboração de questionamentos acerca do modo atual como a escola opera em relação ao racismo e na construção de possibilidades de superação desse problema, que tem se mostrado um impeditivo ao pleno desenvolvimento de sujeitos negros.

Assim, o capítulo que se segue busca traçar reflexões sobre o racismo de modo geral, dando destaque para o racismo institucional e como este influencia o funcionamento da escola. Em seguida, discute-se sobre a socialização racial na escola, levando em consideração que essa instituição social se apresenta como uma das mais importantes agências de socialização, especialmente, por meio da ação dos professores. O entendimento desses processos é importante para a compreensão da expressão do racismo no Brasil e dos seus desdobramentos no

contexto escolar, bem como para servir de base para que estratégias de enfrentamento do racismo ocorram de forma mais consciente e eficaz.

Racismo institucional: um caminho para pensar as relações raciais na escola

O racismo é um fenômeno que tem suas raízes firmadas em ideologias ou conjuntos de ideias que atribuem a determinados grupos, com origens e marcas adstritas específicas, uma inferioridade tida como natural. Outra perspectiva, não vê as ideologias como elemento definidor para o racismo, já que partem da premissa de que as práticas racistas são resultantes de ações, atitudes, comportamentos que evocam conteúdos discriminatórios e/ou preconceituosos que contribuem para a perpetuação do problema em questão. Por último, há outra abordagem que o concebe como um fator estrutural (Campos, 2017).

Entende-se por racismo estrutural um formato de violência que perpassa o tecido social; uma forma de segregação que se manifesta através de práticas consciente ou inconscientes, agindo a partir da naturalização de pensamentos e/ou circunstâncias que propiciam a discriminação racial, assim, configurando-se como um processo que afeta a população negra. O racismo pode ocorrer tanto no meio institucional quanto cultural. Logo, é possível ler a estrutura social como racista, uma vez que é observável em inúmeros espaços na sociedade a existência de pessoas negras em condição de subalternidade (Galtung, 1990).

Em certa medida, o racismo é atravessado por todas essas perspectivas acima, tendo em vista que ideologias e práticas compõem suas dimensões. Sabe-se que a perspectiva que o coloca como um fenômeno estrutural revela os princípios primordiais que carecem ser considerados, tendo em vista que ele é muito mais do que uma atitude. Isso porque, ele consiste em um processo marcado por uma

hierarquia contemplando, ainda, outros fatores, por exemplo, a exclusão e a discriminação (Campos, 2017).

Goellner *et al.* (2009) alegam que o racismo, também, pode ser verificado quando se atribuem características negativas de comportamento, como falhas a seu vínculo racial. Este existe pelo fato de o branco em toda a história ser considerado como ser humano ideal, que lhe atribuiu, ao longo do dos séculos, uma posição de privilégios, que, conseqüentemente, mantém até hoje a pessoa negra numa condição inferior.

A estrutura racista que ainda existe na sociedade tem o potencial de afetar pessoas pretas e pardas em diversas esferas, sobretudo, no aspecto psicológico e econômico. Compreende-se que existem diversas conseqüências possivelmente causadas pelo racismo, dentre elas podem ser citados: impactos na saúde mental que podem gerar traumas e provavelmente afetar diretamente a autoestima e o desenvolvimento de pessoas negras (Batista, 2018), além de prejuízos econômicos e sociais.

Os estudos sobre preconceito e racismo desenvolvidos após a 2ª Guerra Mundial mostram que houve mudanças em suas formas de expressão, devido à legislação antirracista e aos princípios de igualdade e liberdade difundidos pelas democracias liberais, como afirmam Farias *et al.* (2017). Diante do estabelecimento de tais leis, surgiram novas formas de expressar o racismo, as quais, de acordo com Vrijdags e Fernandes (2017), apesar de discretas e mascaradas, causam mais danos do que a forma de expressão explícita, pois, são mais difíceis de serem identificadas e, conseqüentemente, de serem combatidas.

Ao falar sobre o racismo que se produz e reproduz nessa problemática geral, é importante mencionar que aqui está se falando, prioritariamente, de relações de poder no qual se forma quando um grupo se destaca em relação ao outro, podendo haver, ainda, uma retirada dos seus direitos limitando, assim, a sua condição de ser. Esse racismo acompanha a existência das pessoas negras, se caracterizando como uma violência, essa que, em suas formas destrutivas, dirige-se a outro com o objetivo de destruí-lo, porém, atinge a todos. Nesse sentido, a violência que atravessa essas relações não pode ser considerada uma questão privada, mas, sim, objeto de preocupação social (Guimarães, 2017).

Na obra *Psicologia Social do Preconceito e do Racismo*, escrita por Lima (2020), pode-se ver discussões sobre como as instituições podem fomentar a discriminação das minorias sociais. Vale dizer que esses espaços institucionais devem ter o papel de promover o acesso à informação para que os sujeitos possam gozar dos seus direitos. Entretanto, em maior parte das vezes, são acometidos pelo racismo institucional, esse promove tanto o segregamento social quanto o residencial, o afastamento no ingresso à justiça, no acesso à saúde, bem como ao emprego.

Sendo uma das instituições mais importantes no contexto social que temos como foco neste trabalho, a escola é um espaço fundamental para se pensar sobre o racismo. No entanto, acredita-se que o modo de funcionamento das escolas de ensino médio e fundamental denuncia a falta de diálogo sobre o racismo. Alguns autores defendem a ideia de que o racismo, na maioria dos ambientes escolares atuais, é praticado de forma sutil, tanto por professores quanto por alunos, o que

acaba afetando a mobilidade educacional e social de adolescentes e jovens negros (Santos, 2018).

Em muitos casos, o racismo não afeta apenas o desempenho escolar da pessoa negra, acaba contribuindo, também, para a não aceitação da autoimagem, uma vez que o grupo dominante cria uma imagem negativa do negro, que reforça estereótipos associados a cor. O espaço escolar, o qual deveria enfrentar questões relacionadas à intolerância, muitas vezes, ocorrem situações de preconceito racial (Máximo *et al.* 2012; França *et al.* 2019).

No Brasil, pouco tem sido feito para enfrentar o racismo na escola, como mostra a revisão de literatura recente de Carvalho e França (2019). As autoras chegaram à conclusão de que intervenções voltadas para a redução do racismo na escola são urgentemente necessárias, dada à gravidade das implicações do racismo em processos tão importantes da vida de crianças, adolescentes e jovens. Tais consequências acompanham a vida da pessoa negra e a sua inserção na sociedade como um sujeito que possui direitos que, muitas vezes, são negados, por isso, nota-se a relevância de políticas públicas compensatórias que contemplem essas minorias.

É relevante referir que aqui se está falando de minorias que não são numéricas, mas, sim, em expressão, uma vez que a voz desses grupos acaba sendo silenciada. Mesmo que se reconheça que cada vez mais são sujeitos de direitos, muitos grupos ainda vivenciam situações de privação, bem como limitação de oportunidades, é o caso dos negros. Grupo este que se implica em movimentos de luta por garantias e espaços de direitos, que simbolizam desejos por dignidade, respeito e igualdade. É frente a esses movimentos que a discussão busca ampliar o

posicionamento crítico a respeito da promoção dos direitos, portanto, a defesa dos direitos humanos (Carone & Bento, 2017).

Levando em consideração a pauta dos direitos humanos, cita-se aqui o direito da criança, que deve ser outorgado à todas, sem exceção, dentre esses, está o acesso alimentação, moradia, assistência médica, educação e escolarização gratuita (Alves *et al.*, 2020). A partir do exposto, considera-se que o racismo pode funcionar como um disparador que corrobora para a não permanência de crianças negras na escola (Proni & Gomes, 2017), tanto pelas dificuldades que a desigualdade racial coloca para a entrada e permanência dos sujeitos negros na educação formal, como pelas relações discriminatórias que minam as capacidades desses sujeitos.

Lima e colaboradores (2020) elaboraram um artigo com objetivo geral de construir e validar uma escala de racismo, a qual nomeou “escala de racismo revitimizador”. Nesse estudo, apresentaram conteúdos que retratam sobre a crença no “vitimismo” das minorias. Foi nomeada assim, pois, algumas pessoas acreditam que os negros se fazem de vítima. Esse fenômeno é parecido com à vitimização secundária, que trata o sofrimento da vítima com minimização (Correia & Vala, 2003).

As questões colocadas convidam a pensar na importância de práticas direcionadas para o enfrentamento do racismo nas escolas, sejam elas no setor público ou privado. Nesta discussão, destaca-se a dimensão da socialização racial na escola, considerando que esta liga-se diretamente às práticas dos professores.

Socialização racial na Escola

A escola tem importante papel no desenvolvimento de construção de opinião, bem como na formação da identidade. É, também, através do espaço escolar que se terá diversas experiências relacionais e de aprendizado de conteúdos, que podem ter repercussões tanto de forma positivas quanto negativas na vida do sujeito.

Assim, a socialização racial na escola é um aspecto crucial para entender o desenvolvimento de indivíduos vivendo em sociedades racializadas. Entretanto, apesar de haver um número crescente de estudos sobre o tema, de acordo com Hughes *et al.* (2017), ainda há uma insuficiência de produções científicas, pois, a coleta de dados tem se baseado em métodos de autorrelatos, de informante único, transversal e de pesquisa, pondo em risco a validade do conteúdo (Hutz, 2014). É nesse sentido, que o presente estudo busca discutir como ocorre a socialização racial na escola, sobretudo, na relação professor-aluno desde o início do processo de escolarização.

Já nos primeiros anos de vida, as crianças negras vão construindo suas identidades e consciência racial de forma negativa (Cavalleiro, 2005; França & Monteiro, 2002; Moreira-Primo, 2020). As referências dadas pelas escolas e sociedade em geral, muitas vezes, influenciam negativamente nessas construções, uma vez que é valorizado e introjetado o ideal de branqueamento, que busca sempre legitimar equivocadamente que quanto mais claro, melhor, impondo até qualidades em função da cor (Schwarcz, 1998).

Uma vez feita a colocação sobre a cor, vale trazer o Color Blinde, traduzido no Brasil como daltonismo, que nega que as pessoas percebem a raça. Esse

daltonismo destaca o suporte a compreensão de “igualdade e justiça”, não se valendo de discussões sobre raça (Apfelbaum *et al.* 2012)

De acordo com Cardoso e Bonomo (2019), as experiências coletivas de infância produzem conceitos que servirão para o entendimento e construção do sentimento de pertença na fase adulta. Para além desses fatores, é importante ressaltar que a experiência de pertença grupal é mais complexa do que somente a consciência da diferença da cor da pele, mas provoca um sentimento de valorização, o que vem a influenciar diretamente na conduta social. Isso liga-se diretamente à existência e ao modo de funcionamento dos preconceitos.

Os preconceitos se desenvolvem no processo de categorizações sociais, ou seja, quando ocorre atribuição de valor a certas categorias que adquirem poder social. A identidade também nasce do processo de categorização e percepção de diferenças e semelhanças com determinadas categorias. Uma identidade social positiva é, entre outras coisas, definida pela participação em um grupo e com base em comparações de grupo, em que percebem seu próprio grupo como positivamente distinto de outros grupos (Tajfel & Turner, 1979). Este processo começa na infância (Aboud, 1988; Nesdale, 2017).

Quintana *et al.* (2017) analisam a formação da identidade de modo a apontar para a existência de critérios essencialistas que servem para promover uma maior identificação com os membros do endogrupo e, paralelamente a isso, demarcar uma maior diferenciação com relação aos membros do exogrupo. O que se pode promover através dessas posturas essencialistas é a naturalização de práticas voltadas para a valorização de um grupo em detrimento de outros, fortalecendo assim a naturalização de preconceitos (França, 2011).

Ao analisar as formas de preconceito velado, Pereira *et al.* (2011) citam a essencialização como um processo de categorização que buscaria naturalizar o fenômeno do racismo, expondo argumentos que perpassam a cor da pele. A essencialização busca disseminar a crença da dominação social de um grupo sobre outros através do estabelecimento de juízos de valor negativos. É importante delimitar que o termo essencialização está aparecendo porque ele é um elemento que compõe e reforça o fenômeno do racismo, mas, que esse estudo não pretende analisar a essencialização. Tais juízos, apesar de possuírem outro tipo de expressão, acabam por tornar ainda mais evidentes as diferenças intergrupais, intensificando o preconceito. Este fenômeno acaba por provocar uma infra-humanização dos membros de outros grupos, a qual serviria como forma de racionalizar as desigualdades sociais.

Os conflitos intergrupais afetam, de maneira significativa, a construção da identidade do indivíduo, mesmo que as representações que embasam essa construção sejam feitas por outras pessoas. Através dessa aproximação e distanciamento dos grupos sociais ocorre um processo de auto categorização (Turner *et al.*, 1985), o qual irá refletir as formas de vivências intergrupais, complementando o processo de formação identitária (Vrijdags & Fernandes, 2017).

Como é possível perceber através do conteúdo exposto, o processo de socialização e as relações raciais são imprescindíveis no processo de formação identitária do indivíduo, auxiliando na formação da identidade social e racial. E nesse cenário, é importante destacar que existe um sofrimento imposto aos grupos considerados inferiores, como é o caso dos negros, o qual mesmo após a exclusão do conceito de raça, ainda é vítima de uma hierarquia imposta socialmente, mas,

que não possui nenhuma sustentação biológica (Araújo, 2017). Dentro desse contexto, que se apresenta enquanto uma sociedade organizada, de acordo com as hierarquias raciais, entende-se como socialização racial um conjunto de comportamentos, práticas e regularidades sociais que comunicam informações e visões de mundo sobre raça e etnia para as crianças (Hughes *et al.*, 2017).

Considerando o cenário exposto, ressalta-se a importância de entender como a socialização racial ocorre na escola, levando em conta que esta tem potencial de ser uma estratégia de enfrentamento ao racismo, mas, por outro lado, pode, também, estar impregnada de práticas racistas e fortalecer tal fenômeno. Referindo Berger e Luckmann (1966/2010), França e Silva (2017) apresentam a ideia de que a socialização pode ser dividida em duas dimensões: primária e secundária. Na socialização primária, o indivíduo interioriza conceitos que servem de base para as primeiras noções de realidade e consciência de si, com base na aprendizagem que ocorre junto ao grupo familiar. Já na socialização secundária, o sujeito passa a aprender sobre os papéis sociais. Ao contrário do que ocorre na socialização anterior, a socialização secundária não tem como principal agência de socialização a família, mas, sim, a escola, local privilegiado para a difusão de saberes especializados (França; Silva, 2017).

Analisando as mensagens de socialização racial, Hughes *et al.* (2017) ressaltam que a maioria das mensagens emitidas por crianças, apesar de certo esforço da escola e dos pais em abordar tal tema, sentem desconforto ao falar sobre diferenças raciais. Alguns adolescentes, por sua vez, adotam uma visão daltônica, no sentido de comunicar ao outro que a diferença racial não importa, sem se permitir discutir sobre o assunto de maneira saudável e construtiva.

Ainda tendo como base as ideias de Hughes *et al.* (2017), é possível notar, através de estudos realizados sobre o tema, que muitos pais acreditam fornecer mensagens e diálogos sobre raça para seus filhos, mas, muitos adolescentes relatam que tais mensagens não são claras possibilitando outras formas de entendimento. Alguns acrescentam, ainda, que o que sabem sobre esse tema se dá através da escola e outros meios de informação.

França e colaboradores (2019) ressaltam a importância das mensagens sobre raça e racismo para serem transmitidas a crianças e jovens, citando como exemplo a tolerância dos pais em relação a outras raças e etnias, a qual afetam a escolha de pares de outras raças e etnias pelos filhos, assim como a importância da transmissão de informações a respeito da história e das tradições do grupo de pertença, que aumentam o apreço e a valorização com relação ao grupo.

Em consonância com a análise de Vrijdags e Fernandes (2017), até os cinco anos, por não ter desenvolvido, ainda, a maturidade cognitiva e não ter passado pelo processo de interiorização das normas antirracistas, a criança expressa o preconceito explicitamente. Por volta de sete a oito anos de idade, ela começa a internalizar essas normas e a ter atitudes de preconceito mais sutis. Tal sutileza, seria resultado da aprendizagem de valores sociais que expressam igualdade. Ainda de acordo com os autores, essa discriminação e preconceitos estão presentes em vários tipos de contextos sociais, mas, é no contexto escolar que a criança passa a ter um contato mais direto com o preconceito racial.

Conforme analisado por França (2017), pode-se observar a disseminação do racismo na educação básica, onde é expresso de diversas formas, desde as mais sutis às mais explícitas, o que torna o ambiente escolar inóspito e de difícil acesso

aos estudantes negros. De acordo com a autora, tais dificuldades enfrentadas por pessoas negras se iniciam no ensino básico, alcançando o ensino médio e o universitário.

Ainda no que se refere ao convívio escolar, como analisa França (2017), as crianças negras, apesar de terem sua entrada na escola permitida, passam por um processo de exclusão simbólica, ou seja, são incluídas no espaço, porém, com várias ressalvas. As dificuldades enfrentadas vão desde a falta de aceitação por parte de colegas e professores à convivência com discursos ofensivos, geralmente baseados em suas características físicas.

Vrijdags e Fernandes (2017) apontam as dificuldades de se construir ações de enfrentamento ao preconceito dentro na escola, devido à sua constituição, baseada nas sociedades europeias, formadas por homens brancos. Desta forma, haveria uma falta de representatividade do negro dentro das instituições de ensino, somada a uma repercussão de atitudes discriminatórias importadas de fora da escola para o contexto escolar. Diante desse contexto, o jovem negro acaba por internalizar a visão dos outros como algo seu. Como analisa Vrijdags e Fernandes (2017), a criança tende a construir uma narrativa sobre si baseada no reconhecimento do outro através da aprovação e reprovação que vem do meio externo, influenciando em sua formação identitária.

Bonomo e Cardoso (2019) apontam para a importância da construção de uma consciência identitária, pois é esse reconhecimento que faz com que o indivíduo desenvolva habilidades para lidar com racismo, tornando-o mais resistente ao lidar com essas questões. Tajfel (1983) também discute sobre essa relevância no

processo de articulação identitária, associado a um sentimento de pertencimento a um grupo social e ao significado emocional.

França (2017) afirma que, muitas vezes, as dificuldades da criança negra são atribuídas a problemas familiares e/ou de comportamento, evitando-se o reconhecimento da responsabilidade que caberia a escola. O que acontece em boa parte dos casos é o silenciamento e a negação do preconceito racial dentro da escola, de modo que os professores percebem o racismo como parte da natureza humana, naturalizando sua propagação.

Explorando os resultados de um estudo realizado por Feitosa dos Santos (2014) no qual falava-se acerca das considerações dos professores sobre manifestações do racismo, tanto nas escolas nas quais eles atuavam, quanto em outras no geral. Foi notório que ao responder aos questionamentos no tocante ao preconceito racial, houve uma negação da existência do racismo ou até enxergam como sendo um problema do outro, alegando a não existência.

Desta forma, os professores tornam-se, por vezes, coniventes em situações de preconceito. França (2017) acrescenta em sua análise que crianças negras são mais criticadas e desaprovadas do que as crianças brancas. Observa-se a aplicação de ofensas verbais e punições mais severas as aplicadas as crianças brancas e exposições diversas que perpassam a finalidade disciplinar, mas, se caracterizam como um ataque pessoal.

Como o debate acerca das relações entre diferentes grupos sociais vem ganhando destaque entre os assuntos de políticas públicas, foram criadas leis de reformas educativas que visam incluir a escola na busca pela superação do preconceito. França (2017) aponta que se faz importante ampliar a história do negro

no Brasil no currículo escolar, reiterando a relevância do docente como facilitador de debates para discutir sobre discriminação racial de crianças negras, assim como analisar as relações étnico-raciais que se passam nas escolas.

Quando se fala em profissionais da educação, sendo estes professores, se pensa em seguida no cenário escolar que não se constitui como um ambiente neutro, visto que traz em seu bojo diversas funções sociais que contribuem para o desenvolvimento de potencialidades físicas, cognitivas e afetivas do indivíduo. Desse modo, torna-se preciso pensar a partir das inter-relações que ocorrem em tal contexto, uma vez que estas oferecem elementos para investigação (Machado, 1997). Sendo assim, no âmbito educacional há um mesclado de realidades, bem como relações de diferentes ordens. Logo, o cenário em questão é também palco de exposição de preconceitos e discriminações de diversos tipos, que, por vezes, são naturalizadas (Moreira & Candau, 2006).

Diante disso, Maia e Ferreira (2011) concordam que, desde os primeiros anos, a criança negra vai sendo exposta a situações de racismo no âmbito escolar, conseqüentemente afetando a sua autoestima, atuando no fortalecimento de manifestações de ações voltadas à violência simbólica. Entre essas razões, alguns estudos brasileiros apontam a necessidade de os professores começarem a se atentar para as questões raciais, tanto no preparo para lidar com o racismo e abordar em sala de aula (Santos & Vasconcelos, 2014), como rever o próprio racismo na relação com os alunos.

O conhecido estudo de Cavalleiro (1999) apontou que as interações entre professores e alunos negros e brancos eram qualitativamente diferentes, sendo os alunos brancos privilegiados pelos professores quanto ao recebimento de afeto e

atenção, enquanto as crianças negras eram preteridas. Há, ainda, estudos que apontam diferenças na forma de avaliar os alunos, sendo as crianças brancas mais elogiadas pela inteligência, enquanto as negras recebem comentários direcionadas às tarefas executadas e não ao fato de serem produtoras (França, 2017). O mesmo estudo evidenciou que a atribuição de notas tende a ser diferente, sendo os alunos brancos mais bem avaliados. Moreira-Primo e França (2020) também perceberam que os professores, muitas vezes, não validam o sofrimento das crianças negras frente ao racismo, ignorando a situação e deixando-as sem acolhimento e orientação.

Os autores concluem que todas essas situações culminam em silenciamento das crianças negras, prejuízos sobre seu rendimento escolar e identidade. Por outro lado, o grupo dos brancos continuam construindo sua identidade sob um ideal de superioridade e livres para cometer atos discriminatórios.

Considerações finais

Este capítulo teve como objetivo refletir como o racismo afeta as relações e as práticas escolares. Assim, buscou-se num primeiro momento refletir sobre o racismo de modo geral e o racismo institucional, mais especificamente. A partir disso, refletiu-se como a escola funciona, segundo a lógica racista predominante na sociedade brasileira. Em seguida, discutimos sobre a socialização racial e a escola como agente de socialização, especialmente, por meio da ação dos professores.

No decorrer deste texto, foi possível traçar reflexões sobre a forma como o racismo afeta as práticas e relações escolares, sobretudo, quando se pensa na escolarização de alunos negros. Damos especial destaque a figura do professor, que é peça chave nesse processo, já que é ele quem está em contato direto com os

estudantes, avalia seu desempenho e, por vezes, assume a posição de figura de apoio na mediação de conflitos.

Evidenciou-se, através dos estudos apresentados, no entanto, que ainda há um longo caminho a percorrer para que o racismo seja superado na escola. Primeiro porque ela, enquanto uma instituição social, não está fora da estrutura que opera segundo a lógica do racismo, ou seja, hierarquizando grupos por meio de processos de exclusão. Processos estes que ocorrem em todos os níveis sociais, inclusive, dentro das instituições que privilegiam a ascensão do grupo dos brancos em detrimento de outros, com destaque para o dos negros.

Deve-se considerar, ainda, que existe uma negação do racismo, o que faz com que os atores sociais não o reconheçam e, portanto, não desenvolvam estratégias de enfrentamento. Desse modo, os professores chegam à escola mal preparados para lidar com o racismo presente nas relações e trabalhar com a temática das relações raciais como parte do conteúdo dentro das disciplinas e ações da escola. Mais grave, não chegam a questionar o próprio racismo e continuam reproduzindo práticas que excluem e minam as possibilidades de estudantes negros seguirem, de forma saudável, a sua trajetória escolar.

Espera-se que essa revisão seja uma contribuição para o desenvolvimento de estudos com foco no racismo no ambiente escolar, sobretudo, na construção de reflexões sobre o papel dos professores nesse cenário. Destaca-se a necessidade de se pensar quais estratégias os professores podem utilizar no enfrentamento ao racismo. A esse respeito, discorreremos com mais profundidade no capítulo que se segue.

CAPÍTULO 2: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO UTILIZADAS POR PROFESSORES

Resumo: O racismo é um problema social grave que afeta toda a sociedade e vitimiza determinados grupos raciais, necessitando de esforços em diversos âmbitos para o seu enfrentamento e combate, inclusive, por meio da produção científica. No presente capítulo, buscamos investigar e reunir na literatura científica disponível problemáticas das estratégias de enfrentamento ao racismo e aspectos relacionados à implementação destas. Foi apresentado um estudo de revisão integrativa. Nesse sentido, acredita-se que essa escrita possa discutir alguns subsídios teóricos que sejam capazes de colaborar no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ao racismo âmbito da educação, a fim de mobilizar forças para combatê-lo.

Palavras-chave: Enfrentamento ao racismo. Escola. Professores.

Introdução

Em grande parte do mundo, estudiosos de diferentes áreas têm, cada vez mais, produzido conhecimento, reflexões e debates sobre os impactos do racismo nas trajetórias de vida e relações humanas. No Brasil, uma das principais áreas que se destaca na produção desse conhecimento é a Psicologia Social (Sacco *et al.*, 2016), que, em consonância com outras áreas do saber, considera o racismo como um grave problema social que afeta negativamente a vida de indivíduos pertencentes a minorias raciais ou étnicas, cujos pertencimentos são atravessados

por exclusão, discriminação e distribuição desigual de poder em comparação a grupos sociais majoritários (Lima, 2020).

As disparidades raciais históricas nos Brasil criaram uma necessidade urgente de estratégias baseadas em evidências que promovam o enfrentamento do racismo e relações intergrupais mais positivas, sendo a escola um espaço fundamental para a realizações de ações e projetos interventivos visando o combate desse fenômeno. Felizmente, estudos realizados na Psicologia Social não apenas têm evidenciado os impactos do racismo na sociedade, mas também têm contribuído para a criação de estratégias visando o seu enfrentamento (para uma revisão, ver França *et al.*, 2019). Neste capítulo, discorreremos, por meio de uma revisão da literatura, sobre algumas estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores no âmbito da educação. Inicia-se apresentando a definição de enfrentamento e, em seguida, apresenta-se algumas estratégias de combate ao racismo.

Racismo e estratégias de enfrentamento: por uma escola livre dos efeitos do racismo

Inicialmente, é importante apresentar o conceito de “enfrentamento”. Cabe aqui destacar que dentro da Psicologia ele está associado à ideia de adaptação do indivíduo a diferentes etapas do desenvolvimento, bem como acontecimentos julgados estressantes (Nunes, 2010). No âmbito da Psicologia Social a terminologia enfrentamento é ligada a encontrar-se circunstância de prontidão (Farias *et al.*, 2018). Nos estudos de White, o enfrentamento é tratado como uma adaptação de problemas que requer comportamentos diversos e causam sentimentos desagradáveis (White, 1974/1985).

Nos estudos referentes ao racismo e suas interferências nas relações interpessoais, sobretudo, no âmbito da psicologia social, percebe-se a preocupação alusiva a ações práticas sobre o que fazer frente a situações de racismo. Um dos pioneiros a abordar a ideia de redução do preconceito foi o Allport (1954), o qual afirma que o ser humano aprende normas, valores e crenças e concepções sobre os grupos sociais conforme vai socializando, é por isso que o autor entende o preconceito como algo que se constrói, não como um posicionamento nato. Para ele, no preconceito opera através das crenças, estereótipos e comportamentos. As crenças produzem uma cegueira que irá penetrar nas relações como uma espécie de veneno, podendo originar estereótipos que vão influenciar na generalização dos comportamentos do grupo ou indivíduo segregado. Muitas vezes esse comportamento acontece devido a uma forte ideia de supervalorização do grupo dominante, por ter uma posição de poder.

O autor mencionado acima apresenta condições as quais podem propiciar o contato intergrupais em relação à assimilação de semelhança entre pessoas de grupos distintos para a possível redução do preconceito. A paridade de status social entre os grupos; a comunhão de objetivos a atingir; e a existência de apoio institucional são essas as três condições fundamentais expostas por ele (Allport, 1954). A teoria de contato de Allport foi amplamente replicada e as diretrizes destes estudos podem servir de caminho para intervenções em escolas. Stathi *et al.* (2014) propuseram em seus estudos intervenções que pudessem contribuir na redução de preconceito, se baseando na “hipótese de contato” realizada por Allport (1954). Esses autores afirmam que a socialização ocorrida com pessoas de diferentes grupos tende a ter melhores relações intergrupais, desde que essas interações atendam às condições de cooperação para alcançar objetivos comuns. Nesse

sentido, perceberam que o contato prolongado demonstrou ser uma ferramenta eficaz de redução de preconceitos.

O contato intergrupais foi tratado em outros estudos, eles referem-se à interação direta e face a face entre os membros de grupos sociais identificáveis e distintos, como grupos raciais, étnicos, grupos religiosos, linguísticos ou nacionais. Compreendem o contato intergrupais como uma das principais intervenções propostas para reduzir o preconceito e melhorar as atitudes intergrupais e as relações sociais entre jovens (Tropp *et al.*, 2021; Tropp & Rucinski, 2022).

Outros autores, como Kowal *et al.* (2013), promoveram práticas antirracistas fundamentais. Para a efetivação desse enfrentamento do racismo, eles utilizaram a reflexividade, essa que é usada como uma estratégia para situar conhecimentos, abordando críticas e promovendo práticas antirracistas sustentáveis e eficazes. A reflexividade é um tipo de ferramenta empregada por acadêmicos como uma estratégia para situar conhecimentos. O estudo explicita que ao praticar o que eles chamam de reflexividade, os sujeitos estariam mais dispostos a notar os próprios erros como parte do processo de aprendizagem, percebendo que suas ações podem afetar a autoestima do colega; com isso, eles teriam mudanças positivas nas atitudes intergrupais. Ou seja, uma vez investido no conhecimento, irá melhorar o aprendizado na diversidade, possivelmente levando a comportamentos mais flexíveis.

Pensando a escola como uma instituição que deve possibilitar a promoção do conhecimento sobre diversos grupos sociais e instigar o enfrentamento do racismo em diferentes idades, Aldana e Byrd (2015) reiteram a importância de promover relações intergrupais positivas no âmbito escolar, afirmando que as escolas

deveriam ofertar intervenções que atuem na redução de preconceito, seja ele racial ou quaisquer outro, para que, assim, os discentes possam ser estimulados a trabalhar suas resoluções de conflitos de forma pacífica, bem como incitar a construção de relacionamentos por meio das diferenças. As autoras destacam, ainda, a importância de que em ambientes de escolarização docentes desenvolvam ações que visem envolver seus alunos em pesquisas com participação ativa, com intuito de que eles analisem, de forma crítica, o racismo histórico e contemporâneo.

Nesse cenário, para que a instituição escolar possa construir uma educação antirracista, é crucial que em seus espaços haja reconhecimento e valorização das histórias e cultura dos povos pretos. Enquanto os espaços de educação ainda carreguem no currículo e material didático uma única forma de compreensão da introdução das pessoas pretas em seu contexto, sendo essa a da dominação e escravidão, perpetuará esse silêncio estrutural que indica o lugar do preto, invisibilizando a sua cultura. Nesse viés, Ulger *et al.* (2018) construíram uma revisão meta-analítica, nela identificaram as características dos programas de intervenções bem-sucedidas efetivadas nas escolas e avaliaram sua eficácia para aprimorar as atitudes entre os grupos. Os resultados certificaram que as intervenções que empregaram estratégias e contato entre os grupos obtiveram êxito, no qual os discentes do Ensino Médio, os mais favorecidos, comparado com as séries menores. Sob outra perspectiva, não obtiveram eficácia as intervenções administradas por pesquisadores externos e não apresentaram efeitos prosaicos aquelas que eram executadas em um único período (Ulger *et al.*, 2018).

Na sociedade brasileira, pensar na educação como operante de uma sociedade mais justa é uma tarefa urgente, e aqui pauta-se na Lei Federal 10.639/3 que é uma política pública e não uma estratégia de combate ao racismo (apesar de

sua operacionalização resultar nessa consequência), que exige que a cultura negra no Brasil seja ensinada na Escola brasileira de forma positiva e que esse ensinamento possa oferecer subsídios de qualidade capazes de auxiliar no processo de sua identidade (Munanga, 2012).

Nos estudos de Munanga (1996) e Cavalleiro (2005), observa-se que entre as ações de enfrentamento ao racismo, está a tarefa de vencer o silêncio sobre racismo, pois, é um instrumento para a manutenção do racismo no ambiente educacional brasileiro. Esse silêncio é presente tanto no âmbito escolar quanto familiar, uma vez que, por vezes, não são consideradas as questões raciais nesses espaços de socialização (Cavalleiro, 2004) Para eles, crianças negras ainda costumam se deparar com a ausência de representação positivas do seu povo, pois, o mito da democracia racial prevalece e o silêncio sobre racimos acaba transformando o espaço escolar em um potencializador para várias formas de reprodução tanto do racismo quanto da desigualdade.

Enfrentar o racismo é uma demanda a qual a escola deve intervir de forma eficaz, devendo capacitar os profissionais presente nela para reduzir e combater o preconceito racial. Em algumas pesquisas são pontuadas estratégias de enfrentamento do racismo. A exemplo disso, o estudo de Miranda *et al.* (2021) apresentam uma pesquisa-intervenção (PI) articulada ao referencial teórico-metodológico da Critical Participatory Action Research (CPAR). O objetivo foi analisar o processo de construção e execução de uma investigação feita por estudantes do ensino médio sobre a presença e o combate ao racismo institucional em uma escola pública estadual de Fortaleza (CE). Os resultados apresentaram que 30,2% dos secundaristas asseguraram ter sofrido algum tipo de preconceito racial, seja em relação ao cabelo por ser cacheado; expressões/apelidos pejorativos por

ser negro e não ser bem-sucedido financeiramente, além de relatarem não se sentir à vontade para falar sobre o preconceito presente na escola. Vale pontuar que a presente escola é referência entre as escolas de ensino público de Fortaleza e se posiciona, de forma crítica, em relação ao enfrentamento do racismo.

Outro estudo importante foi construído por Berger *et al.* (2016) no contexto do conflito israelense-palestino, visando a redução do preconceito e a promoção de ações positivas no meio das crianças do Ensino Fundamental. Nele foi aplicado Extendend Class Exchange Program (ECEP), uma versão estendida e aperfeiçoada do anterior (CEP). Tal programa agrupa 3 elementos mais manipulados nos modelos de redução de preconceito, são eles: o desenvolvimento cognitivo, o contato e a informação. A aplicação do programa se deu em 4 escolas, sendo 2 palestinas e 2 judaicas, com um total de 322 alunos. Em relação aos resultados, houve eficácia com a utilização do programa; foi obtido a redução de estereótipos, sentimentos negativos e tendências discriminatórias em relação às crianças de outro grupo étnico.

Com intenção de compreender o racismo e do antirracismo nas escolas, Forrest *et al.* (2016) realizaram uma análise empírica das atitudes de 1.309 professores de sala de aula em escolas de Sydney, com enfoque na capacidade dos docentes para enfrentar o racismo. Assim, foram comparados os pontos de vista e a consciência dos professores com os de comunidades do entorno de suas escolas, alusivo com potencial antirracismo da implementação de políticas antirracismo nas escolas. Nessa pesquisa, foi notado que os professores são mais predispostos a negar o racismo, em média, do que a comunidade ao redor de sua escola. Foi percebido a necessidade da aplicabilidade da educação multicultural a todas as escolas. Foi encontrado uma proporção de (87%) de docentes que concordaram que cada

escola deveria atender às necessidades dos alunos de diferentes origens culturais, afirmando que existe uma necessidade de falar sobre as preocupações e problemas que diz respeito a alunos do grupo minoritário. A maioria (91%) chegou a concordar que é bom ter nas escolas alunos de diferentes culturas. Outra parte significativa (93%), concorda que é responsabilidade de cada escola abordar o racismo.

No contexto brasileiro, podemos destacar dois estudos semelhantes ao mencionado acima. O primeiro, efetivado em uma escola pública estadual no interior do Estado de São Paulo, em 2019. A escola, na época, tinha em média 410 alunos, somados do Ensino Fundamental e Médio. Durante a pesquisa, foi questionado a diretora sobre a existência de bullying ou racismo na instituição, a resposta dela foi que não havia esses tipos de problemas naquela escola. Em seguida, completou que os alunos xingavam uns aos outros com frequência em sala de aula, entretanto, não percebia isso como um bullying e, sim, reflexo dos modelos agressivos que viam em casa, repetidos na escola. A fala culpabilizava as mães, que, segundo ela, estavam sempre em bares, com latas de cerveja, conversando alto e de forma inadequada. Nesse sentido, a culpa para os acontecimentos em sala de aula, na visão da diretora, era das mães dos alunos. Uma estratégia utilizada nesse estudo, conforme mencionado pela direção da escola, era a realização de rodas de conversa com alunos, ministradas por profissionais da Unidade Básica de Saúde do bairro, que ocorriam semestralmente (Antunes, 2021).

O segundo estudo, realizado em outro município do interior do Estado de São Paulo, em escola pública de Ensino Fundamental, com aproximadamente 925 alunos, obteve respostas diferentes. Vale mencionar que a diretora e a coordenadora pedagógica eram negras, doutoras e evidenciaram capricho nos trabalhos pertinentes à lei 10.639/2003. Foi enfatizado pela coordenadora que

nenhuma confusão no ambiente escolar era ignorada; elas conversavam imediatamente com os discentes a respeito. Nessa escola, foi solicitado pelos professores a retirada do tema negritude e preconceito afirmando que já tinham sido trabalhado em outros anos, entretanto, as gestoras pontuaram que não é um assunto que se esgota e que a luta pelo combate ao racismo sempre precisa existir. Pode-se observar nessa escola, práticas positivas sendo desenvolvidas, de forma mais sistematizada, após a implementação da lei, trabalhando valores como: convivência, respeito, multiculturalismo e diversidade, de forma transversal. (Antunes, 2021). É possível ler sobre a seriedade do multiculturalismo no estudo de Berry e Kalin (1995) o qual destacam o quão é importante valorizar todas as culturas.

Uma estratégia utilizada, nesse estudo, foi a utilização da história infantil que valorizava personagens de grupos dos negros, evidenciando o poder dessa prática na afirmação da identidade dos indivíduos desse grupo, promovendo a identidade positiva de crianças negras (e.g., França; Lima, 2021). São estratégias que partem da constatação que o racismo afeta diretamente na construção da identidade negra, que acaba se enfraquecendo diante de forças que legitimam essa estrutura como o mito da democracia racial, processo de branqueamento referente à população brasileira, a miscigenação e ideologias afins. Assim, a escola se caracteriza como uma instituição que favorece na formação dos sujeitos, prioritariamente referente aos processos de formação de identidade. Nesse sentido, é possível entendê-la como um espaço onde a história dos seus antepassados são transmitidas, embora se percebe que no contexto atual o currículo escolar ainda é limitado, uma vez que conta a história escrita sob a ótica do Europeu, discorrendo apenas do sofrimento

dos povos que foram escravizados, não focam na contribuição que todos desempenharam para a construção do país (Lima; Vala, 2004).

De todo modo, é válido lembrar que o racismo afeta todo um cenário coletivo, sendo relevante, portanto, buscar estratégias de ampliação que considere essas dimensões macrossociais relacionadas ao Estado, sociedade, comunidade e instituições (Miura *et al.*, 2018). Destaca-se, no entanto, que políticas públicas em educação, no Brasil, ainda não ganharam força o suficiente para se efetivar no enfrentamento as desigualdades raciais que marcam o acesso, a permanência e a trajetória de aprendizagem das crianças e adolescentes negros nas escolas brasileiras (Carvalho; França, 2019).

Quanto aos professores, no que tange as perspectivas de atuação, são as mais variadas também, considerando a dinâmica do ambiente e todos os elementos envolvidos nesta dimensão, dando ao profissional a oportunidade de utilizar sua criatividade, conseqüentemente novos hábitos ganham corpo. E essa estrutura tem os seus reflexos nas relações e nos modos delas serem estabelecidas, quando se refere a diferentes formas de sociabilidade, lazer, cultura, diversão e afins, transformando, assim, o modo de se viver (Prioste, 2016).

Por exemplo, nas sociedades modernas o acesso a diferentes recursos tecnológicos e meios de informações pode ser preciosos instrumentos de enfrentamento ao racismo. O avanço de ferramentas tecnológicas acarretou em transformações diversas à vida humana, facilitando as formas de interação do indivíduo por meio de uma comunicação rápida que pode substituir o contato físico e proporciona o acesso a informações e conhecimentos de diferentes categorias, já que com um clique é possível acessar informações e manter contato com pessoas,

ultrapassando os limites de territorialidade e tempo. A influência da internet está presente, portanto, no cotidiano de muitas pessoas e organizações (Spink, 2003). Deste modo, a mídia pode ser utilizada como uma das alternativas para a construção de intervenções de enfrentamento ao racismo com base na Teoria do Contato, principalmente para aqueles grupos que as crianças e a escola não conseguem fazer o contato direto. Os estudos que usam essa metodologia podem mostrar as crianças grupos diferentes convivendo pacificamente, as histórias dos grupos etc. (Aboud *et.al.*, 2012).

Outra possibilidade é a utilização da música, quando inserida dentro de um contexto interventivo sistemático, também pode ser um grande aliado para o enfrentamento do racismo. Um exemplo é a música (Ilê Ayê) do cantor e compositor Gilberto Gil, criada em 1977, período de amplo fervor cultural no Brasil. A música mencionada surgiu como um poderoso instrumento de combate ao racismo e de valorização da cultura negra. No trecho “É o mundo negro que viemos mostrar pra você [...] Branco, se você soubesse o valor que o preto tem, tu tomavas um banho de piche, branco e ficava preto também”. Há um enaltecimento do jeito negro de ser, convidando o branco a inteirar-se, despindo-se do racismo.

Utilizar mídias televisivas como técnica de valorização para o fortalecimento da identidade racial através de filmes, desenhos, séries e afins, também, é uma estratégia que pode ser somada para contribuir no enfrentamento do racismo. É importante destacar que não é qualquer ação que poderá ter resultado eficiente no combate ao racismo. Vale salientar que as estratégias devem estar fundamentadas por teorias e ter sua execução controlada, tendo em vista seus efeitos. No ambiente escolar, professores recorrerão aos recursos nos quais possam apresentar essas mídias televisivas aos alunos, de modo que antes de iniciar a apresentação do

conteúdo, sensibilize a turma reforçando a relevância de uma educação que investe na inovação da história a partir de uma nova perspectiva. Pensa-se nessa proposta de modo que reforce a formação e pertencimento, sobretudo, da identidade negra que é afetada pelo racismo, tendo em vista que investir em representatividade através do reconhecimento da corporeidade negra e sua valorização significa fator de consolidação de sua existência (Silveira, 2011; Aboud, 2012).

Alguns desafios a serem vencidos

Estudos vão apontar alguns entraves que estão presentes na implantação de estratégias de enfrentamento ao racismo, dentre eles a baixa taxa de publicações de artigos sobre o tema e o preparo dos professores para executar intervenções. Carvalho e França (2019), em revisão sistemática, colocam que é preciso considerar que os estudos que relacionam racismo e educação, ainda, precisam se expandir no território nacional, uma vez que estas informações e discussões são extremamente necessárias para difundir amplamente a temática e divulgar possíveis recursos que estão sendo utilizados para enfrentar o racismo.

Dados similares foram encontrados em revisão sistemática realizada por Santos (2021), onde foram localizados poucos estudos interventivos no Brasil, a maioria ainda concentrados na área da educação e estudos que não se utilizam das teorias da psicologia e psicologia social ou ciências sociais, que como demonstramos possuem uma vasta teorização na área do preconceito, bem como seu combate. Sobre o pouco preparo dos professores para planejar e executar ações de enfrentamento ao racismo, os estudos vão demonstrar que apenas uma maioria tímida dos professores percebem a centralidade do seu papel e da escola no combate ao preconceito racial, além de que os professores não se sentem

preparados em termos de conteúdo para lidar com questões étnico-raciais (Santos; França & Moreira-Primo, 2020). O cerne deste problema encontra-se na formação deficitária dos professores (Munanga, 2015; Santos *et.al.*, 2020).

É importante destacar que esse despreparo dos professores se reflete nas ações realizadas na escola visando combater o racismo, que, muitas vezes, acontecem de forma descuidada, apesar das boas intenções, acabam por reproduzir estereótipos (Munanga, 2005; Hughes, 2006), de modo que se faz necessário observar o nível de desenvolvimento das crianças que recebem as mensagens de socialização, elas precisam ser de acordo com a maturação cognitiva das crianças, uma vez que as crianças não são passivas as mensagens que recebem e podem distorcer ou não compreender totalmente as informações transmitidas (Bigler, 1999; França; Monteiro, 2004; Aboud, 2012; Santos, 2021). Vê-se, então, a importância de que sejam consideradas, na execução dessas intervenções, as especificidades das fases de desenvolvimento em que estão as crianças.

Sobre esse aspecto, destaca-se que desde os quatro anos de idade a criança já consegue distinguir pessoas do seu grupo étnico de outros grupos. E a partir dos cinco anos já começam a expressar-se e a verbalizar de modo a dar preferência ao seu grupo. Da mesma forma que constroem essa consciência de pertencimento, desde cedo, elas, também, desenvolvem sentimentos negativos direcionados aos grupos minoritários nessa faixa etária (Cardoso; Bonomo, 2019; França; Monteiro, 2002). Tais fatos confirmam que o trabalho visando o enfrentamento de atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios precisam ser realizados ainda na primeira infância, fase do desenvolvimento em que as crianças passam a ter conhecimento dos grupos raciais e a internalizar e reproduzir o racismo.

Sabe-se que os seres humanos desenvolveram uma capacidade de aprender a partir da observação, possibilitando expandir rapidamente o conhecimento e as habilidades com base em imitação de modelos. Possivelmente, todo aprendizado comportamental, cognitivo e emocional pode ser aprendido de forma vicariante, em outros termos, observando os outros e suas consequências (Bandura, 1989). À vista disso, é importante pontuar que as crianças são propícias a escolher quem imitar, possivelmente sendo influenciadas pelas características do modelo, ambiente e a percepção do que é apreciado dentro da sua cultura, uma vez que envolvem fatores cognitivos, sendo a habilidade da atenção e estruturação de informações dos sentidos (Bandura, 1996). Desse modo, se uma criança negra está em uma cultura que valoriza o eurocentrismo, exalta a imagem do branco em detrimento a imagem do negro, observando o contexto, provavelmente aprenderá a imitar o grupo dos brancos. Por esse motivo, que é crucial a utilização de referências que garantam uma imagem positiva dos negros em sala de aula desde os primeiros anos em idade escolar (da Purificação; Castelar, 2017).

Jesus (2012) reconhece que, em relação à produção acadêmica, houve um certo avanço, nos últimos anos, que se refere à tentativa de desconstrução do racismo. No entanto, o espaço ainda continua sendo pequeno, por isso que é necessário levar essas discussões para outros âmbitos como: a escola, a mídia, a sociedade em geral, para que os indivíduos reconheçam práticas que ferem a dignidade humana. Logo, é preciso propor possibilidades de estímulos para que sejam promovidas posturas antirracistas, de promoção da igualdade e reconhecimento e valorização de diferentes formas das mais particulares formas de ser (CFP, 2016).

No próximo tópico, realizamos um estudo de revisão integrativa da literatura, com o objetivo de examinar a existência de outros estudos que apresentam estratégias de enfrentamento do racismo e apresentar as suas principais contribuições. Tal estudo de revisão busca contribuir com a apresentação do estado da arte desse importante tema, de significativa relevância social e científica.

Método

Foi efetuada uma busca em dois periódicos da Capes, o GALE ACADEMIC ONEFILE e o CINAHL with Full Text (EBSCO) da área de Psicologia. Essa escolha se deu pelo fato de as pesquisadoras terem encontrado mais referências nesses bancos de dados, devido à similaridade da temática. Para tanto, realizou-se uma consulta a partir dos termos de busca com as seguintes palavras-chave: “racismo” and “professores””; “racismo” and “combate”; “racismo and “enfrentamento”. "racism" and "teachers""; "racism" and "combat"; "racism and "coping". Por compreender que essa revisão tem finalidade de conhecer as estratégias utilizadas para enfrentar o racismo no âmbito educacional, foi delimitado nas buscas o ano de publicação; foram abarcados textos publicados no período de vinte anos, portanto, de 2002 até abril de 2022.

Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão utilizados foram: publicações em qualquer idioma condizente com o tema estabelecido e nos últimos 20 anos. Os critérios de exclusão baseiam-se na eliminação de artigos que não pertençam a temática e período e aqueles que sejam artigos incompletos, livros, capítulos de livros, teses, dissertações, projetos, trabalhos de conclusão, anuários, resumos e notas técnicas publicados em eventos. No processo de seleção dos artigos para uso no estudo,

seus respectivos títulos, resumos e conteúdos foram lidos, com precisão, com a finalidade de analisar a conexão com a questão de pesquisa. Após selecionar os artigos incluídos, foi verificado se havia duplicidades entre eles, após a análise, foram excluídos. Para aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, os dados foram cuidadosamente classificados manualmente e, posteriormente, tabulados em planilha para construção da tabela.

Resultados e discussões

Almejando investigar e avaliar a relevância da temática do presente trabalho, os resultados que aqui são apresentados foram estruturados, segundo a proposta inicial de organização dos dados. Foi realizada a busca de artigos na área científica em dois periódicos, com o propósito de demonstrar o número de publicações envolvidas nessa temática. A busca nas bases de dados por meio das palavras-chave, resultou no total de 84 referências. A palavra-chave que mais resultou em referências foi “Racismo” and “combate”, demonstrando que existe uma maior quantidade de trabalhos publicados (50 referências) com esse termo no campo busca, dentro da temática estabelecida no trabalho.

A tabela 1 apresenta detalhadamente a quantidade de referências encontradas com suas respectivas palavras-chave e base de dados utilizados para a seleção.

Tabela 1: Seleção dos bancos de dados, palavras-chave e suas respectivas quantidades encontradas:

BASE DE DADOS	“racismo” e “professores”	“racismo” e “combate”	“racismo e enfrentamento”	TOTAL
GALE ACADEMIC ONEFILE	5	20	20	45
CINAHL with Full Text (EBSCO)	2	30	7	39
TOTAL	7	50	27	84

O quadro 1 apresenta os autores incluídos, com seus respectivos anos de publicação, título, objetivo e área de pesquisa.

AUTORES	ANO	TÍTULO	OBJETIVO	AREA DE PESQUISA
Kilday et al.	2020	Lidando com a Discriminação de Pares e Adultos: Implicações para Pertencimento Escolar de Adolescentes	Destruir os vínculos entre a discriminação racial perpetrada por adultos e por pares na escola, cinco estratégias de enfrentamento distintas e pertencimento escolar entre grupos étnico-raciais.	Psicologia
Sosa e Martin	2021	Construções de Raça e Equidade em uma escola Suburbana: Professores, Assistentes Sociais Escolares e outros funcionários da escola	Examinar os esforços de um distrito escolar suburbano para promover a equidade racial.	Serviço Social
Chakravarty e Lawrence	2022	Nossa agência não gosta de usar o termo racismo muito	Detalhar como os trabalhadores do bem-estar infantil	Publicidade

		menos falar sobre isso	vivenciam o racismo no local de trabalho.	
Godinho	2009	Normas e redistribuição: um estudo sobre condicionantes internacionais das políticas de combate ao racismo no Brasil no período 1995-2005.	Discutir condicionantes e incentivos internacionais à trajetória recente das políticas de combate à discriminação racial no Brasil.	Relações Internacionais
De Jesus	2018	Professora, mulher negra e a lei da diversidade.	Trabalhar a importância das relações étnico-raciais e foram feitas, problematizando padrões de beleza eurocêntrica, a partir da identificação da diferença das pessoas em sala de aula e na sociedade.	Pedagogia
Raimundo e Jesus	2020	O racismo na atualidade e o conhecimento como estratégia para seu enfrentamento	Realiza uma entrevista com o Professor Silvio Almeida, com o propósito de entender o funcionamento do racismo na sociedade brasileira e possíveis estratégias para seu enfrentamento.	Serviço Social
Backes	2016	O currículo e a produção de sujeitos afrodescendentes em uma escola pública estadual de Campo Grande (MS) com alto IDEB.	Refletir sobre o processo de construção dos sujeitos afrodescendentes por meio do currículo escolar.	Filosofia
Maggie	2008	Pela igualdade	Discutir a política de identidade que está sendo proposta no Brasil com o fim de combater o racismo	Antropologia

Kilday e colaboradores (2020) realizaram um estudo com 1.686 alunos do 9º ao 12º ano, nos Estados Unidos. Os autores abordam várias formas de enfrentamento (proativo, agressivo e o passivo) utilizada por alunos. O enfrentamento proativo é entendido como esforços ativos, como abordar o agressor ou usar a autoavaliação positiva para lidar com a discriminação notada. O enfrentamento agressivo inclui o uso de retaliação verbal (ou seja, defender-se) em resposta ao agressor. Já o enfrentamento passivo, é quando a pessoa apenas ignora a situação. Quando os adolescentes experimentaram o racismo entre pares, eles também relataram um enfrentamento mais proativo e agressivo do racismo. É possível que os adolescentes estejam optando pelo enfrentamento proativo, abordando o transgressor quando se deparam com a fonte de discriminação em que mais navegam.

Sosa e Martin (2021) mostram em seus estudos, os esforços de um distrito escolar suburbano para promover a equidade racial. Foi mostrado que alunos negros discutiram como usaram suas próprias experiências pessoais com o racismo para falar com os alunos sobre questões raciais; foram trazidas barreiras para a implementação bem-sucedida de um programa de treinamento em igualdade racial. Foi mencionado que uma forma de minimizar foi medida de autoproteção e que formas de enfrentar o racismo estão surgindo após a inclusão de um currículo mais diversificado com as contribuições de pessoas negras.

O estudo de Chakravarty e Lawrence (2022) realizado com diretores, gerentes, supervisores e assistentes sociais nos Estados Unidos de três locais distintos de escritórios de agências públicas, bem como uma agência sem fins

lucrativos sob contrato com a agência pública. Foi endereçada a 374 funcionários de órgãos públicos e 287 responderam. Os resultados mostraram que o racismo opera de várias formas por meio de diversas hierarquias de organizações e que não são realizadas intervenções para que o racismo seja combatido. Foi elaborada pelos trabalhadores diversas experiências pessoais, no qual a identidade racial de cada um era a razão das experiências negativas que eles vivenciaram. Os autores acreditam que as práticas organizacionais e de gestão poderiam proporcionar ambiente laboral inclusivo, reconhecendo que existem manifestações de preconceito racial e que é necessário buscar estratégias que atuem para enfrentar o racismo.

Conforme Godinho (2009), o adjacente pós-segunda Guerra Mundial gerou comprometimento da comunidade internacional na construção de instrumentos e na convocação de conferências destinados a combater o racismo. Em seu estudo de cunho teórico percebeu que as políticas públicas de combate ao racismo passaram por transição entre cenário de "integração incipiente" - que diferenciaria o relacionamento entre Brasil e ambiente internacional nas décadas de 60 e 70, sobretudo - para caso de "integração plena" - que diferenciaria o padrão daquele relacionamento a partir dos anos 90.

A pesquisa de Jesus (2018) traz contribuições na temática do enfrentamento do racismo quando oferece ao leitor problematizações acerca dos padrões de beleza eurocêntrica, mostrando a identificação da diferença das pessoas em sala de aula e na sociedade. Conforme a autora, a responsabilidade de descolonizar, em práxis catalizadora, crescem a agilidade da reação de enfrentamento ao racismo, compondo como agentes de processos interventivos, que não atuam,

exclusivamente, em seu favor, todavia, da coletividade de negras e negros deste país. Buscou-se a construção da identidade negra, das crianças negras e a abrangência da diversidade no todo, com respaldo em pesquisas concluídas a esse respeito. Tratou-se, também, sobre a experiências e as consequências do racismo no interior das escolas, afirmando que o racismo promove prejuízos as crianças vítimas de tais ações.

Raimundo e Jesus (2020) percebem a presença de práticas racistas em meio ao contexto escolar e confirma-se a relevância de promover uma educação que supere esta realidade, para que possa sustentar uma educação que combata definitivamente a questão, ou seja, uma educação antirracista. As Leis 10.639/03 e 11.645/08, que alteraram a Lei 9.394/96 (LDB), segundo a autora, abarcando no currículo oficial das escolas a obrigatoriedade do estudo dos conteúdos relacionados a História e a Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena chegaram para amparar nesse processo de romper com a continuação dessas desigualdades, em função do preconceito racial e étnico existente na sociedade brasileira.

No estudo realizado por Backes (2016) foi realizada uma pesquisa com seis professores de uma escola pública de rede estadual do Município de Campo Grande, com intuito de refletir sobre o processo de construção dos sujeitos afrodescendentes por meio do currículo escolar. Os resultados mostraram que os professores têm um forte imaginário de democracia racial, ou seja, acreditam existir igualdade entre todos. E grande parte disse que não ver práticas racistas na escola e que se as percebessem interviriam. O autor espera que ainda que essa intervenção pareça estar mais no âmbito individual, há um imaginário pedagógico sendo criado que acredita que o racismo deve combatido. O estudo pontua o

conhecimento dos professores acerca da Lei 10639/2003 e acreditam ter somado positivamente, contribuindo para combater o racismo existente em escolas. O enfrentamento do racismo, segundo esse autor, se dá através de realizações de projetos amparados na Lei 10639/2003 e que ampliem as suas realizações para além de datas comemorativas e alusivas à semana da Consciência Negra.

O estudo teórico da Maggie (2008) propôs discussões sobre quais políticas de identidade que estavam sendo propostas no Brasil, com a finalidade de combater o racismo. A autora aborda que no Governo de Fernando Henrique Cardoso se iniciaram políticas que estavam voltadas para a "população negra", um Grupo de Trabalho Interministerial que deveria aliviar e pôr em prática políticas públicas para essa população. Segundo ela, a III Conferência Mundial das Nações Unidas propôs a medida de cotas raciais para combater o racismo. A autora traz que a Lei 10639/2003 trouxe encorajamento para uma educação ou reeducação que quer transformar os cidadãos em pessoas orgulhosas de seu pertencimento étnico-racial, e assim, contribuir para combater o racismo.

Fernandes (2022) aborda importantes implicações da representação diante do racismo, a saber: fornecer espaço político aberto para que as reivindicações das minorias possam ser veiculadas, especialmente, quando a liderança subjugada é resultado de um programa político coletivo, eliminando narrativas discriminatórias que sempre colocam as minorias em uma posição subordinada.

Finalmente, Raimundo e Jesus (2020) realizaram uma entrevista com o Professor Doutor Sílvio Almeida que acredita que o racismo é visto como parte das instituições presentes na sociedade. Para ele, não seria suficiente trabalhar apenas na mudança dos indivíduos, seria crucial que as instituições, também, sofressem

alterações. São citadas as ações afirmativas como medida que colabore no combate do racismo institucional, abordando o problema como uma questão política e não apenas como um problema moral ou jurídico.

Considerações finais

Este capítulo teve como objetivo investigar e reunir parte da literatura científica sobre estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas em escolas e/ou por professores. Inicialmente, apresentou-se uma compreensão acerca do construto investigado e um primeiro estado da arte acerca do tema e em seguida foi realizada uma revisão integrativa da literatura sobre estratégias de enfrentamento ao racismo, o que possibilitou aprofundar ainda mais o conhecimento sobre o tema e colaborar num maior entendimento acerca do desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ao racismo no âmbito da educação. Nesse sentido, considera-se que este estudo cumpriu o seu objetivo principal.

Neste capítulo, também foi possível observar a existência de estratégias que ajudam a combater o racismo na sociedade, de modo geral, e na escola, de modo particular. Entre elas, está a importância de que toda a escola, especialmente, os professores, compreendam o racismo como um fenômeno que marca as relações nesse espaço e interfere na trajetória escolar dos alunos, afetando, sobretudo, alunos negros. Vencer o silêncio e o mito da democracia racial é um passo crucial. Além disso, verifica-se a importância dada a desconstruções de estereótipos e imagens negativas propagadas sobre as pessoas negras. A mudança dessa representação negativa, além de auxiliar na diminuição de atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios, também contribuirá para que crianças negras possam construir uma identidade mais positiva de si mesmas quanto pertencente ao

seu grupo racial. Outro fato está na atenção dada aos currículos, uma vez que estes acabam por reproduzir, muitas vezes, racismo; tal como promover ações com continuidade, não limitando a eventos pontuais ou diálogos sem reflexão crítica sobre as relações raciais.

Os estudos revisados também apontaram que, ainda, é comum a prática do racismo nas escolas e que, apesar da Lei 10.639/03 ser conhecida por parte das escolas, persistem algumas que não colocam em prática. Todavia, este capítulo nos indica que é possível transformar realidades e vencer o racismo, para isso, é preciso colocar em prática essas ações de enfrentamento. Da mesma forma, novos estudos que indiquem estratégias exitosas de combate ao racismo são necessários. Nota-se por meio desta revisão que não são muitos os estudos que tratam desse tema, o que corrobora com achados de outras revisões de literatura (Carvalho; França, 2019; Santos, 2021), indicando que esta é uma área que ainda está em desenvolvimento no Brasil. Ainda assim, algumas estratégias existem e precisam receber a devida atenção. Estudos futuros também poderiam realizar intervenções com estratégias já disponíveis na literatura e confirmar sua eficácia. Isto ajudaria na condução de ações cada vez mais controladas e efetivas.

Dando continuidade ao objetivo deste trabalho, no próximo capítulo realizaremos um estudo empírico com professores, examinando as estratégias de enfrentamento ao racismo adotadas por eles em suas atuações profissionais, com isso poderemos, por exemplo, observar se entre as estratégias empreendidas por eles constam algumas das mencionadas nessa revisão de literatura ou, ainda, se novas e outras estratégias estão sendo realizadas por eles.

CAPÍTULO 3: ENFRENTANDO O RACISMO NA ESCOLA: ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS UTILIZADAS POR PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Resumo: O capítulo 3 deste trabalho, apresenta o método, análise de dados e resultados de um estudo qualitativo com os professores, por meio da técnica do grupo focal, verificada através do software IRAMUTEQ. Neste capítulo, analisam-se estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores de uma escola pública no interior baiano. Iniciaremos apresentando os objetivos, em seguida o método, que incluirá a caracterização dos participantes, os instrumentos e os procedimentos e, por fim, serão apresentados e analisados os dados do estudo empírico. Conclui-se o capítulo dando destaque a importância das estratégias de enfrentamento ao racismo para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, bem como para a construção de uma escola que eduque para a diversidade racial, o respeito às diferenças e justiça social.

Palavras-chave: Enfrentamento ao racismo; professores; escola.

Introdução

Considerando a realização da fundamentação nos capítulos anteriores, serão aqui revisados os principais aspectos teóricos importantes para fundamentar os objetivos: analisar quais estratégias de enfrentamento ao racismo estão sendo utilizadas por professores; observar como os professores lidam com manifestação do racismo; verificar se existe variação na forma como os professores trabalham o enfrentamento do racismo em pessoas de diferentes idades e analisar se os

professores direcionam os conteúdos ministrados em função da saliência da cor da pele dos alunos na sala de aula.

Estudos realizados há poucos anos, destacam que no contexto brasileiro, existem raras execuções de ações que atuem no enfrentamento do racismo (Matos; França, 2021; Carvalho; França, 2019). As percepções dessas autoras é que essas intervenções no âmbito escolar direcionadas a redução do racismo são urgentes, pois o racismo tende continuar levando implicações nas vidas de crianças, adolescentes e jovens negros.

Compreendendo o papel do professor promover o conhecimento e disseminar o combate ao racismo em diferentes idades Aldana e Byrd (2015) reiteram a importância de agenciar relações intergrupais positivas no âmbito escolar, ofertando intervenções no viés da redução de preconceito, seja ele racial ou quaisquer outro.

Para a construção de uma educação que combata o racismo, é importante que existam nos espaços acadêmicos tanto reconhecimento quanto a valorização das histórias e cultura dos povos pretos. Nesse sentido, Ulger *et al.* (2018) identificaram características dos programas como país de implementação, duração da intervenção e o tipo e qualidade da medida de atitude e de intervenções bem-sucedidas: estratégias perceptivo-cognitivas, estratégias individuais e estratégias interpessoais efetivadas nas escolas e avaliaram sua eficácia para aprimoramento. Considerando a importância de mobilização para a superação do racismo na escola, analisaremos os resultados de um estudo empírico que questionou professores sobre seus modos de gerenciamento de situações de racismo em suas salas de aula.

Método

Participantes

Participaram deste estudo, 9 professores, sendo 7 do sexo feminino e 2 do sexo masculino as faixas etárias predominantes foram de 38 a 55 anos. Em relação à cor da pele 8 se declararam pardos e 1 se declarou preto. A heteroidentificação dos participantes se deu da seguinte forma: 4 brancos, 4 pardos e 1 preto. Quanto as séries lecionadas, do sexto ao nono ano, ensinando disciplinas como Geografia, Língua Portuguesa, Matemática, Educação Física, Inglês e Ciências. O nível de escolarização predominante foi o superior completo, sendo em Língua Portuguesa (4), Matemática (2), Biologia (1) e Educação Física (2). O tempo de profissão de 18 a 23 anos.

Procedimentos

Apresentou-se a proposta de pesquisa à direção, coordenação e aos professores da instituição, após a autorização foi realizada a coleta em uma escola pública situada na cidade de Esplanada-Ba, localizada no interior da Bahia. A realização se deu através de uma sessão de 60 minutos, dentro de uma sala de leitura, reservada pela direção. Os professores foram convidados a participar, de forma voluntária, da pesquisa com apresentação do devido Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elucidando de forma clara e acessível à pesquisa, os objetivos, os riscos e os benefícios, após, foi assinado por eles, seguindo as diretrizes de ética em estudos com seres humanos, conforme resolução nº 506 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Para sua realização, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP/UFS).

Início do grupo focal

Exibiu-se um vídeo que continha uma situação de racismo para que os professores pudessem comentar a partir da pergunta do moderador: o que você faria se uma situação semelhante à do vídeo acontecesse com um dos seus alunos? O episódio de racismo aconteceu na região noroeste de Belo Horizonte, onde um garoto de 14 anos foi alvo de ataques racistas em um grupo do aplicativo WhatsApp pelos próprios colegas de classe. No vídeo, o pai do adolescente que sofreu racismo, relata que o intuito desse grupo era facilitar a aprendizagem dos conteúdos de uma prova que seria aplicada, mas que o seu filho ao se sentir excluído decidiu sair e iniciaram as falas: "Que bom que o 'neguin' não tá, já não aguentava mais preto naquele grupo" [sic], disse um dos alunos; outro disse "nem sabia que preto estudava". Outras falas podem ser lidas nas capturas de tela abaixo, extraídas do vídeo.

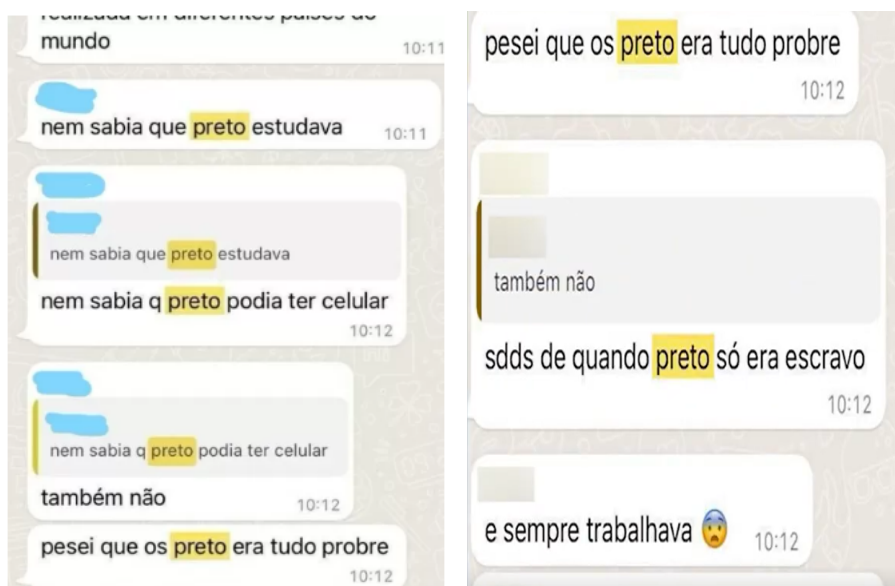


Figura 1: Capturas de tela do vídeo com insultos racistas contra aluno em grupo de WhatsApp.

O conteúdo acima encontra-se disponível na plataforma Youtube, no canal Band Jornalismo, com mais de 3.000 acessos, desses, 6 pessoas comentaram que continha racismo nas atitudes dos estudantes. Em uma busca na plataforma Instagram, foi encontrado o perfil da escola, a qual emitiu uma carta de repúdio com o título “Nota oficial sobre racismo sofrido por aluno de nossa instituição”. Nessa postagem realizada no dia 20 de dezembro de 2021, existem mais de 1.000 pessoas afirmando que é um caso grave de racismo.

A apresentação do vídeo teve o intuito de mostrar aos professores que se tratava de uma situação de racismo para entender como eles reagiriam em uma situação semelhante. Nesse sentido buscou-se perceber como os professores lidavam com manifestação do racismo, utilizando a seguinte descrição do planejamento do grupo focal.

Roteiro do grupo focal

No primeiro momento vocês vão responder a uma pergunta com base no vídeo e no segundo momento vocês vão responder a algumas perguntas com base na experiência pessoal e profissional de vocês. Após a exibição do material o moderador comentou: o vídeo que vocês acabaram de assistir trata de uma situação de racismo na escola, gostaríamos de saber de vocês:

Pergunta 1- O que faria se uma situação semelhante à do vídeo acontecesse com um dos seus alunos?

Comentário do moderador: Agora gostaríamos de saber sobre sua experiência pessoal e profissional.

Pergunta 2- Algum aluno seu já se queixou de ocorrência de racismo com ele ou com outra pessoa? Me descreva o fato. O que fez?

Para atender ao primeiro objetivo específico a pesquisadora realizou a seguinte pergunta:

Pergunta 3- Você já presenciou alguma situação de racismo na escola em que trabalha? Se sim, conte como foi a experiência e como você reagiu a cada situação.

Para responder o ao segundo objetivo, foi realizado o questionamento a seguir:

Pergunta 4- A idade do aluno é algo que você leva em consideração ao desenvolver algum trabalho com foco no tema do racismo? Relate como você faz ou faria um trabalho de enfrentamento ao racismo de acordo com as faixas etárias das crianças.

Para que o terceiro objetivo específico pudesse ser contemplado, essas perguntas foram realizadas:

Pergunta 5- Na escola em que você ensina, você costuma notar qual a cor dos seus estudantes?

Pergunta 6- Você desenvolve algum trabalho ou aplica algum conteúdo sobre racismo na sua sala de aula levando em conta a cor dos seus alunos?

O que é o grupo focal

Grupo focal é uma técnica qualitativa de coleta de dados a qual permite focalizar um tema específico para debate entre os participantes. Pode ser utilizado sozinho ou em conjunto com outras técnicas qualitativas ou quantitativas, que

permitam aprofundar aprendizagem, e prestar atenção às opiniões, sentimentos, atitudes e pensamentos dos participantes sobre a temática abordada. As pessoas são selecionadas com base em características (sejam homogêneas ou heterogêneas) relacionadas ao tema a ser discutido (Vaughn *et al.*, 1996).

Para a coleta de dados, foi realizada a técnica de Grupo Focal (GF) como principal instrumento, amparando-se nas ideias de Gatti (2005); Veiga e Gondim (2001); Morgan (1997); Pombo (2005); Pizzol (2004); Gil (2008), entre outros. Foi desenvolvido pela própria pesquisadora, que executou as tarefas de observar e provocar respostas para assim analisar as reações deles(as) frente às situações de racismo ocorridas na classe e o que eles (as) fariam em termos de estratégias.

O uso desta técnica pode ser justificado pelo fato da sua utilização trazer eficácia em outros estudos, uma vez que possibilita alcançar tanto o que os participantes pensam e expressam como também em como eles pensam e porque pensam, conforme o critério da Gatti (2005), pois possibilita que o pesquisador verifique as atitudes e discursos dos sujeitos. Nessa pesquisa a ideia de aplicação da técnica GF surgiu da necessidade de compreender concepções, perspectivas e ações sobre as estratégias de enfrentamento do racismo que estão sendo utilizadas por professores no âmbito da educação.

Em estudo realizado por Bomfim (2009) foram apresentados recursos necessários para a realização do GF, nesse sentido foi mencionado como relevante a reserva antecipada de espaço apropriado, sendo ele neutro e acessível aos indivíduos que participarão. O local escolhido deve ser confortável, sem barulhos externos ou interrupções. Recomenda-se que os participantes estejam sentados em

círculo seja com mesas ou apenas as cadeiras. É estimável à distribuição de água, café e lanches rápidos aos participantes.

Conforme Gondin (2002) nos grupos focais poderão ser alcançados algumas utilidades tanto práticas quanto teóricas, assim serão compreendidos os processos do próprio grupo e os conteúdos sendo eles resultantes e os velados. Essa técnica pode ser associada a outras como a entrevista individual e a observação participante. Morgan (1997) concorda com a ideia de que o grupo focal pode contar com técnicas como a observação participante e a entrevista individual, claro que isso dependerá de quais objetivos o pesquisador deseja alcançar. O uso de GF combinado com entrevista individual possibilita a análise de diferenças de opiniões, nesse sentido, pode-se obter o que cada um pensa sobre um determinado assunto. Aliando o GF a observação participante é possível comparar o que se é exposto no grupo ao que se percebe cotidianamente no ambiente natural.

Conforme Kinalski *et al.* (2017) o GF funciona com o intuito de adquirir uma quantidade significativa de referências acerca de um assunto específico, para isso é necessário que haja participação de todos. É importante que durante o GF exista uma interação que esteja partindo dos tópicos que foram delimitados, a partir disso os participantes poderão compartilhar suas experiências e opiniões dentro do grupo.

Veiga e Gondim (2001) explicam que o grupo focal, por volta de 1980 passou a ser utilizado com a intenção de compreender os comportamentos de pessoas com doenças, também para estimar a interpretação da audiência ligadas as reproduções midiáticas. Hoje essa técnica é crucial para a compreensão das formações de percepções, comportamentos, bem como as representações sociais de coletividade de pessoas.

Pressupõem-se que pessoas em pequenas reuniões com propósito de dialogar tendem a apresentar manifestações ideológicas das relações macrossociais. A partir disso, é exequível elucidar o processo de alienação embutido e perpassado nas relações. Com a utilização de grupos focais pode-se agregar referências relevantes para alcançar o que se almeja, seja no sentido de promover reflexão, mudanças de ordem coletiva, bem como reconhecimento de temáticas pouco problematizadas com intuito de aproveitamento para pesquisas posteriores. Os GF's podem funcionar de diferentes formas, uma mais utilizada por universitários é a para confirmação de hipóteses e averiguação de teoria. Outro importante é com direcionamento de aplicabilidade de práticas, isto é, a utilização do que se investigou em situações particulares (Gondim, 2001).

Um fato relevante a ser discutido antes de dar início ao GF é sobre às questões éticas, semelhantes àqueles presentes em todas as pesquisas qualitativas, entretanto, as inquietações específicas geradas por grupos focais também requerem atenção. Assuntos concernentes à invasão de privacidade são notadamente importantes, sobretudo quando a gravação é um dos principais meios para coleta de dados. Uma questão ética do GF é acerca de que o que os participantes expressam ao pesquisador é fundamentalmente compartilhado com outros participantes do grupo também, o que pode, expandir receios de invasão de privacidade e verdadeiramente enquadra o que o pesquisador possa seguir (Morgan, 1997).

O GF contou com um mediador, um moderador e um assistente que gravou a sessão. O local realizado foi na própria escola onde eles atuam, com tempo de duração de 60 minutos.

RESULTADOS

Serão apresentados os resultados da pesquisa, cujo objetivos foram: analisar quais estratégias de enfrentamento ao racismo estão sendo utilizadas por professores; observar como os professores lidam com manifestação do racismo; verificar se existe variação na forma como os professores trabalham o enfrentamento do racismo em discentes de diferentes idades e analisar se os professores direcionam os conteúdos ministrados em função da saliência da cor da pele dos alunos na sala de aula. As análises e discussão dos dados foram realizadas considerando os objetivos do presente trabalho.

A análise dos dados dessa pesquisa foi realizada através do IRAMUTEQ, esse, é um software gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud, que possibilita a realização de análises estatísticas sobre corpus textuais e tabelas, se ancorando no software R. Nesse sentido, realizou-se uma análise dos dados em três etapas: 1- preparação dos dados textuais e codificação para a análise no software; 2- processamento dos dados textuais no IRAMUTEQ; 3- interpretação dos dados oriundos das análises pelo software.

Os dados foram codificados, foram organizadas todas as falas de cada professor num único segmento de textos. Logo foram analisados 9 textos oriundos da transcrição da sessão do grupo focal. Em seguida, foi necessário realizar uma revisão textual, onde foram excluídos vícios de linguagem (aí, né, ah, oh) erros de digitação, frases soltas que não tinham relação com a temática. Essa limpeza é necessária, pois o software não possui a função de verificação e correção textual. Dentre as opções ofertadas de análise do software, optou-se pelos testes de Classificação Hierárquica Descendente (CHD). A Classificação Hierárquica

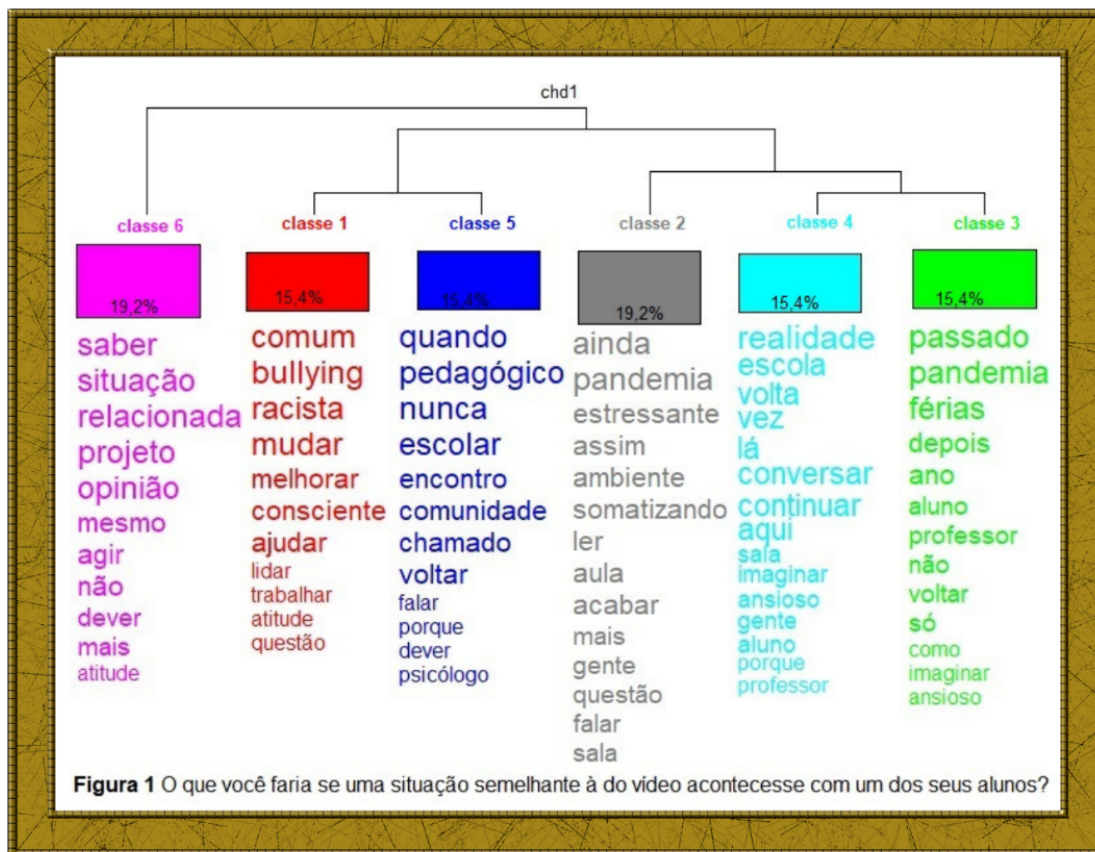
Descendente é uma análise que permite análises multivariadas, com o intuito de obter classes que exponham falas que se aproximam ou que distanciam lexicalmente e consideram palavras usadas em contextos semelhantes como relacionadas no mesmo léxico (quadro2) (Góes; Col, 2021).

As pesquisadoras realizaram 5 CHD: análise das respostas sobre a pergunta disparadora após o vídeo e as outras 4 acerca das perguntas que contemplam os objetivos. Por estas análises, foram encontrados 86 segmentos de texto, com classificação de 57 deles, ou seja, houve um aproveitamento de 66.28%. A lematização resultou em 514 lemas e, dentre as formas ativas, 435 eram analisáveis e apresentaram frequência ≥ 3 . Serão descritos nos próximos tópicos as análises das CHD.

É importante apontar que as nomeações, realizadas pelas pesquisadoras, considerou o universo semântico de cada classe. Ou seja, a partir das principais palavras associadas, da leitura extenuante das mesmas e do contexto semântico em que as palavras estavam inseridas, o sentido das classes foi extraído, levando à sua nomeação. A interpretação do conjunto dessas repartições permitiu alcançar a compreensão de como os participantes veem o fenômeno do enfrentamento ao racismo na escola.

Reações dos professores frente a situações de racismo observado

A fim de observar como os professores se manifestariam ao ver a situação de racismo presente no vídeo, perguntou-se aos professores “O que eles fariam se uma situação semelhante à do vídeo acontecesse com um dos seus alunos?” Na CHD foram geradas seis classes de segmentos de textos. (Quadro 2) que demonstra os conteúdos semânticos de cada classe.



O quadro acima demonstra as relações interclasses, sendo indicado que a leitura seja realizada da esquerda para a direita. No dendrograma, o corpus textual se dividiu em alguns blocos (subcorpus) independentes. O primeiro foi composto pela classe 6 (19,2%) e por uma segunda subdivisão que incluiu a classe 1 (15,4%) e pela classe 5 (15,4%), os quais possuem conteúdos semânticos próximos. O próximo bloco foi formado pela classe 2 (19,2%), se aproximando da classe 4 (15,4%) e da classe 3 (15,4%). Neste sentido, após o processamento dos dados pelo software, foi realizada a leitura das palavras significativas nas classes e de como elas estão inseridas nos segmentos de textos.

Portanto, a partir dos conteúdos semânticos, produzido pelas respostas dos professores a pergunta “O que você faria se uma situação semelhante à do vídeo acontecesse com um dos seus alunos?”, as classes foram denominadas: classe 1:

bullying é comum; classe 2: estresse na pandemia; classe 3: a sobrecarga emocional do professor na pandemia; classe 4: realidade atual da escola; classe 5: lembram-se do pedagógico e esquecem do emocional e classe 6: não saber agir.

Na classe 1 “Bullying é comum”, os professores falaram sobre como são frequentes esse tipo de comportamento. Expuseram que lidam com questões de bullying sempre. São exemplos de respostas representativas da classe:

*“Questões de Bullying são comuns independente da raça.” (*n_9)*

*“O tempo inteiro a gente lida com essas questões em sala de aula. Por tamanho, por alguma característica, por morar em algum lugar. Então, São questões que a gente está lidando sempre.” (*n_5)*

Tanto na classe 2 “Estresse na pandemia”, quanto na 3 “A sobrecarga emocional do professor na pandemia”, na 4 “Realidade atual da escola” e na 5 “Lembram-se do pedagógico e esquecem do emocional”, os participantes versaram sobre como os professores se sentiam sobrecarregados, principalmente após a realidade pandêmica, não contando apoio psicológico para voltar ao ensino presencial novamente. São exemplos de cada classe respectivamente:

*“O professor fica sobrecarregado também porque a gente vai ter que fazer essa abordagem. E você acaba somatizando. Como eu falei assim, é um ambiente estressante, pós pandêmico mais ainda.” (*n_4)*

*“Falar com os professores, para saber como foi a volta deles. Nós passamos por tudo que todos passaram e a gente voltou como que foi só umas férias.” (*n_2)*

“Existem carências nas escolas de profissionais como vocês nas escolas, principalmente nas públicas. A vida que estamos vivendo atualmente, ocupada, de

*desafios, requer, principalmente nessa realidade que estamos enfrentando, um psicólogo para acompanhar na escola.” (*n_8)*

*“O psicólogo deve ser para a comunidade escolar. Porque quando somos chamados para algum encontro é só para falar do pedagógico. Nunca é voltado pra parte emocional.” (*n_5)*

Classe 6 “Não saber agir” foram identificadas dois tipos de respostas, a primeira voltada para o não saber agir em casos de racismo e que em todo lugar tem. A segunda foi sobre a escola ser uma instituição que mais deveria trabalhar através de projetos para erradicar o racismo.

*“De forma universal, eu diria que a educação quando se é desenvolvida ou não, pode interferir, mas não combate ao racismo, isso é notório porque tem casos de racismo nos países de primeiro mundo. Acredito que eu não saberia agir em uma situação dessa.” (*n_3)*

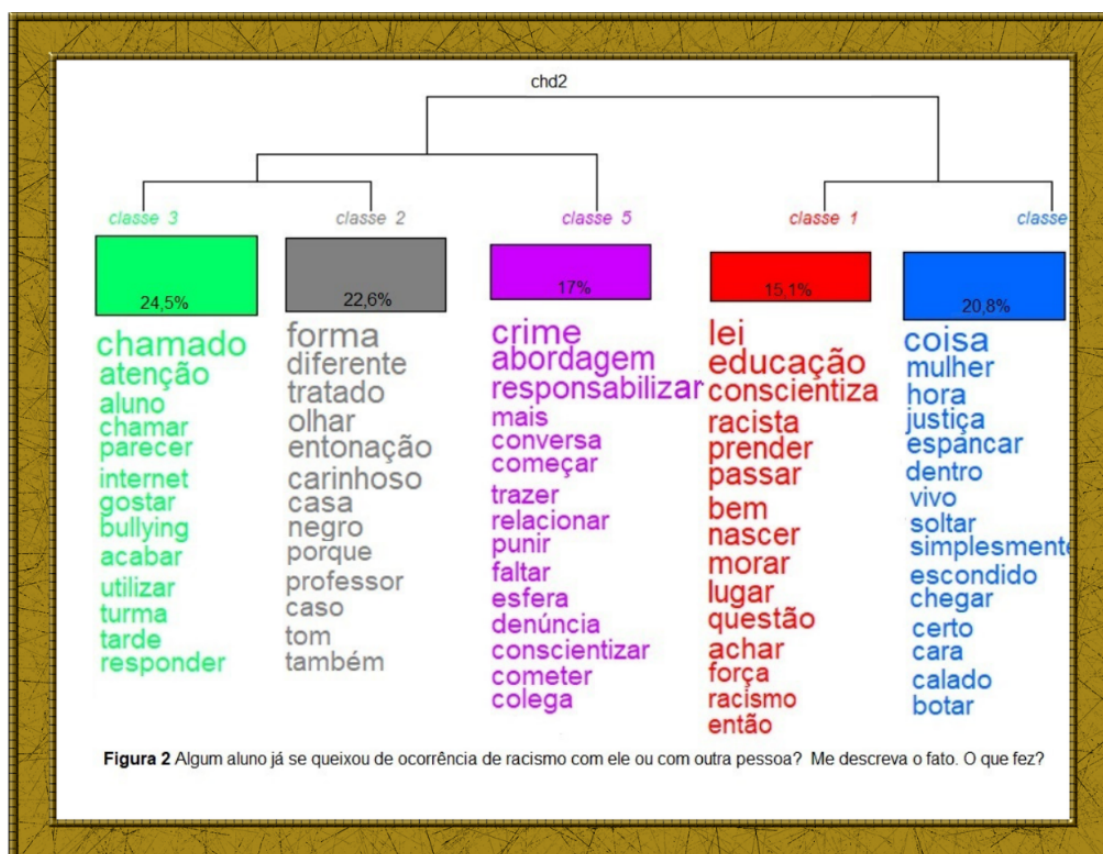
*“Acho que quem mais deveria trabalhar com esse problema de preconceito são as escolas. Acho que todas as escolas deveriam fazer esse trabalho e realizar projetos para combater.” (*n_7)*

As falas demonstram resistência em lidar com o tema do racismo. Os professores procuram relacionar outras questões mais evidentes no cotidiano escolar, e possivelmente mais importantes, evadindo-se, desresponsabilizando-se, ou sentindo-se incapazes para agir frente a situação apresentada, e requerendo um profissional que possa colaborar inclusive com o bem-estar deles próprios.

Estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores

Com o objetivo de analisar quais estratégias de enfrentamento ao racismo estão sendo utilizadas por professores, questionou-se se algum aluno já se queixou de ocorrência de racismo com ele ou com outra pessoa?

Por esse motivo realizamos uma CHD com as respostas dos participantes, constituída por cinco classes de segmentos de textos (Quadro 3) que constata os conteúdos semânticos de cada classe.



O quadro ilustrado evidencia as semelhanças interclasses, assim como o segundo quadro, a indicação de leitura, é que seja feita da esquerda para a direita. No dendrograma, o corpus textual foi dividido em blocos (subcorpus) independentes. O primeiro, matizado pela classe 3 (24,5%) e classe 2 (22,6%) os

quais contém ideias semelhantes e por uma segunda subdivisão que incluiu a classe 5 (17%). Em seguida a classe 1 (15,1%) e 4 (20,8%). Dessa forma, depois que o software realizou o processamento dos dados, foi realizada a leitura das palavras expressivas presente nas classes e inserções nos segmentos de textos.

Por conseguinte, através dos argumentos significativos, fornecido pelas docentes a pergunta “Algum aluno já se queixou de ocorrência de racismo com ele ou com outra pessoa? Me descreva o fato. O que fez?”, foram designadas, classe 1: a Lei não garante a conscientização; classe 2: formas diferentes de tratar; classe 3: chamar atenção do aluno; classe 4: quando espanca mulher e classe 5: responsabilizar colega que comete crime.

A primeira classe “A Lei não garante a conscientização”, as respostas dos educadores caminharam com a lógica de que a Lei não vai assegurar que uma pessoa seja forçada a não praticar o racismo. Dialogaram também sobre a presença de racismo em outros ambientes e países. Exemplos de respostas dessa classe:

*“Acho que passa pela educação, pela conscientização. Mas assim, na Lei, na força, não vai. Se você prender e trabalhar com ele essa questão da conscientização, tudo bem. Mas no Brasil, só paga multa, e pronto. Não trabalham essas questões.” (*n_3)*

*“Não é só no Brasil, tem casos na televisão, com estrangeiros. No futebol tem situações recorrentes, direto, tem até campanhas (não ao racismo) na Argentina, no Brasil. Você não mata o racista dentro de você. Quando a Lei obriga, não mata o racismo, apenas vai se recolher, e num momento de emoção, no futebol, sai.” (*n_2)*

Classe 2 “Formas diferentes de tratar” os participantes expressaram, sobre as maneiras de se referir aos colegas, que muitas vezes pode ser entendido ou não como racismo, por meio da forma a qual chama o outro.

*Conheci uma família que o filho era tratado assim ‘esse negrinho descarado’. E aí às vezes você está numa sala de aula, e você faz até essa brincadeira. Eu mesmo tenho essa dificuldade de saber. A gente sabe que existe aí o racismo por trás de todas as falas, mas assim, ele falou aquilo numa brincadeira, ou ele falou aquilo com a intenção realmente de machucar o outro? (*n_5)*

*Porque as vezes você fala, ouve tanto em casa, que é tratado assim, como neguinho e você acaba repetindo. Aí ele fez aquilo para ofender ou ele fez aquilo assim de uma forma natural? Por que para ele, ele já convive num ambiente onde todo mundo é tratado assim. (*n_2)*

Classe 3 “Chamar atenção do aluno” foi exposto por alguns integrantes que quando percebem o racismo, conversam com o aluno. Houve um relato de racismo. Dentre as respostas agrupadas nessa classe, destacam-se:

*“Assim, no Brasil, o racismo é histórico, cultural. Mesmo assim quando acontece, aí a gente vai e corrige, chama atenção, mas até onde a gente pode. E assim, em país de primeiro mundo continua o preconceito lá.” (*n_2)*

*“Nós temos um aluno que sofre racismo no sexto ano. Teve uma vez que ele foi comer o lanche, ele estava na fila e acabou o lanche na vez dele, e aí quando os meninos viram que ele não tinha comido o lanche, começaram a fazer bullying com ele e chamado de negrinho. Ele começou a chorar. Ele chora muito. Quando acontece casos assim, a gente só conversa com os alunos.” (*n_9)*

Classe 4 “Quando espanca mulher” o corpo docente expôs uma analogia entre a violência contra a mulher e o racismo. Explicaram que a Lei não impede de que uma pessoa continue sendo racista como também não irá inibir que homens sejam violentos contra o grupo das mulheres. Segue um exemplo de resposta representativa:

*Como a coisa da mulher mesmo. O cara não faz isso, não bate e aquilo porque sabe que tem a justiça, mas uma hora, como está ali dentro dele, chega num momento escondido, onde ninguém vê, vai e espanca. Ele não aprendeu a não espancar a mulher. A mesma coisa é o racismo (*n_4)*

Classe 5 “Responsabilizar colega que comete crime” os participantes dialogaram sobre a importância de responsabilizar alunos que cometem racismo, para que eles possam responder criminalmente. Eles acreditam que assim os alunos iriam saber quando houvesse essa punição e provavelmente refletiriam sobre suas atitudes. São exemplos de falas:

*Talvez já tenha que ir para outra esfera, responsabilizar, para que eles saibam que o que estão fazendo é um crime e ver que os colegas que cometerem foram punidos por esse crime de ódio. Nenhuma escola que eu trabalhei teve nenhuma abordagem relacionada a crime, para começar a conscientizar. (*n_6)*

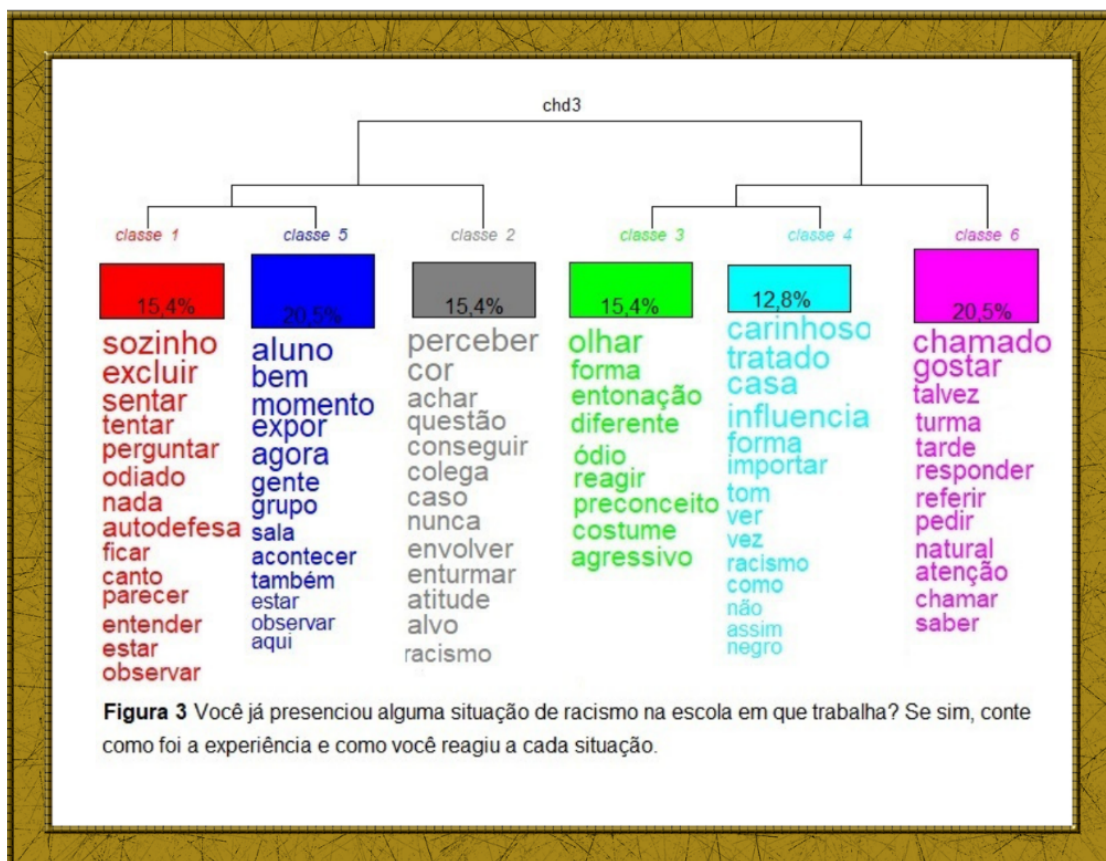
*“A nossa abordagem é uma abordagem de conversa, de conscientização, não é? Mas a gente, não saiu daqui para nenhuma denúncia de crime. Que é crime, não é? Responsabilizar! Talvez falte mais isso, né? (*n_7)*

As falas dos professores demonstram que eles e elas receberam queixa dos estudantes sobre racismo. Os professores, nessas situações, oferecem a conscientização como solução, embora não percebam eficiência dessa ação. Concebem que o racismo é um fenômeno que mora no indivíduo, por vezes é uma forma de tratamento naturalizada no ambiente de proveniência. Apesar de ser crime, pode emergir em situações nas quais o indivíduo está destituído das pressões das normas sociais, como em outras formas de violência como a de gênero.

Especificando como os professores lidam com manifestação do racismo

Analisando como os professores lidam com manifestação do racismo, perguntou-se se havia presenciado situações de racismo, como foi a experiência e

como eles reagiram a situação. Para isso, foi gerada na CHD, seis classes de segmentos de textos (Quadro 4) que apresenta conteúdos significativos.



O quadro acima exibe as relações interclasses, como já informado, a leitura se faz da esquerda para a direita. O corpus textual presente no dendrograma, teve sua repartição em dois blocos (subcorpus). O primeiro, teve em sua composição a classe 1 (14,5%) e classe 5 (20,5%) os quais contém ideias semelhantes e por uma segunda subdivisão que incluiu a classe 2 (15,4%). O outro bloco, formado pela classe 3 (15,4%) e 4 (12,8%) com ideias próximas e uma subdivisão formada pela classe 6 (20,5%). Dessa forma, depois que o software processou os dados, realizou-se o reconhecimento das palavras expressivas nas classes e das inserções nos segmentos de textos.

Através dos materiais semânticos, gerado pelas falas dos professores a pergunta “Você já presenciou alguma situação de racismo na escola em que trabalha? Se sim, conte como foi a experiência e como você reagiu a cada situação.”, as classes foram nomeadas, classe 1: senta sozinho; classe 2: percebo, não é questão de cor; classe 3: reações diferentes sobre cada olhar; classe 4: a forma de tratar carinhosamente influencia; classe 5: aluno não se sente bem em grupo 6: gosta de ser chamado de neguinho.

Na classe 1 “Senta sozinho” os participantes falaram sobre alunos negros que não participam de atividades em grupo. Houve outras considerações após exposição de um possível caso de racismo os professores se manifestaram, afirmando sobre a falta de alguém na escola para tratar sobre isso. São exemplos dessa classe:

*Um caso desse, é para gente passar para que alguém faça esse trabalho em classe. O professor detectou, mas a gente não tem tempo, pois temos assuntos mais urgentes. Ela viu, está expondo agora pois a gente está tendo esse momento, mas que outro tempo ela vai ter para trabalhar com esse aluno? (*n_2)*

*“Tem um aluno mesmo que eu percebo que ele nunca consegue participar dos grupos e nem os grupos conseguem agregá-lo, parece que também já parte dele, ele tem esse sistema de autodefesa”. (*n_1)*

A classe 2 “Percebo, não é questão de cor” mostra que os professores acreditam que alguns alunos negros não conseguem se enturmar, alguns acreditam que não tem a ver com a cor. Outros referiram que talvez fosse questão de racismo. São exemplos significativos:

*“Ele não se sente parte de nada ali, fica sempre no canto, sem conseguir se enturmar com os colegas, ele é zona rural, chega sempre atrasado. Só que eu acho que não é pela questão da cor”. (*n_3)*

“Eu estava pensando esses dias, por que será? Tentando avaliar, aí eu fiquei pensando, não é questão do racismo. Será que é questão de racismo? Mas só que também tem outros colegas negros ali que fazem parte e compõem os outros grupos, mas ele não. A gente percebe isso, tem sempre um colega que é alvo desse tipo de atitude, eu acho não é só pela cor não, que tem outro fator envolvido nisso aí.” (*n_5)

A classe 3 “Reações diferentes sobre cada olhar ” os docentes versaram que existem formas diferentes de receber o que o outro diz, que irá variar como isso está sendo colocado, que o mais importante é saber se o outro está gostando de como está sendo chamado. Abaixo estão os exemplos de falas:

*Só que aí, eles usam a mesma fala pra se referir a outro, que talvez o outro já não goste, e aí ele acha natural, porque eu chamo “fulano” e ele não liga, e eu chamo (falou o nome de outro professor “beltrano” e ela já não reage da mesma forma, porque tudo também é entonação. (*n_4)*

*“Então tudo é essa questão de entonação. É por isso que talvez alguns não se importem de ser chamado de neguinho, sendo assim, deixa de ser pejorativo.” (*n_6)*

Classe 4 “A forma de tratar carinhosamente influencia” os educadores dão exemplos de tratamentos, especificando que se chamar o outro de neguinho de forma carinhosa vai influenciar, pois o outro não vai entender como racismo. exemplos de falas que representam essa classe temos:

“Por isso que o outro não se importa porque às vezes em casa é tratado assim, como meu neguinho, de forma carinhosa como ele vê em por isso que o tom influencia, neguinho, meu neguinho.” (*n_8)

“Mas se mesmo ele sendo tratado assim dentro de casa e alguém por exemplo, na escola “Venha aqui seu neguinho” aí já é diferente, aí ele já vai se aborrecer.” (*n_5)

Classe 5 “aluno não se sente bem em grupo” os participantes especificando que os alunos aceitam a condição do aluno que se exclui. Eles afirmam existir outros casos de alunos excluídos. Exemplos de falas representativas:

“Assim, eu estava observando “Beltrano”, por que ele não se sente bem em grupo? E porque os meninos não o agregam também, porque parece que já aceitaram aquela condição para ele. Vamos dizer assim, respeitam.” (*n_9)

“Mas não acontece só isso com ele, mas em outras salas também, com outros alunos. Entendeu? A gente não tem esse suporte. Aí vai passando o ano, vai passando o ano e ele vai ficando assim no cantinho de novo.” (*n_4)

Classe 6 “Gosta de ser chamado de neguinho” houve diálogo sobre um caso de um aluno que gosta de ser chamado por um apelido, estavam discutindo se tratava ou não de um caso de racismo. Depois concluíram que especificamente nesse caso não se tratava de racismo. São exemplos das falas:

“Eu tenho um aluno aqui na turma da tarde, ele é chamado pelos outros como Neguinho da verdura, já chamei a atenção deles, e responderam que ele pediu pra ser chamado assim, Ele gosta de ser chamado assim.” (*n_5)

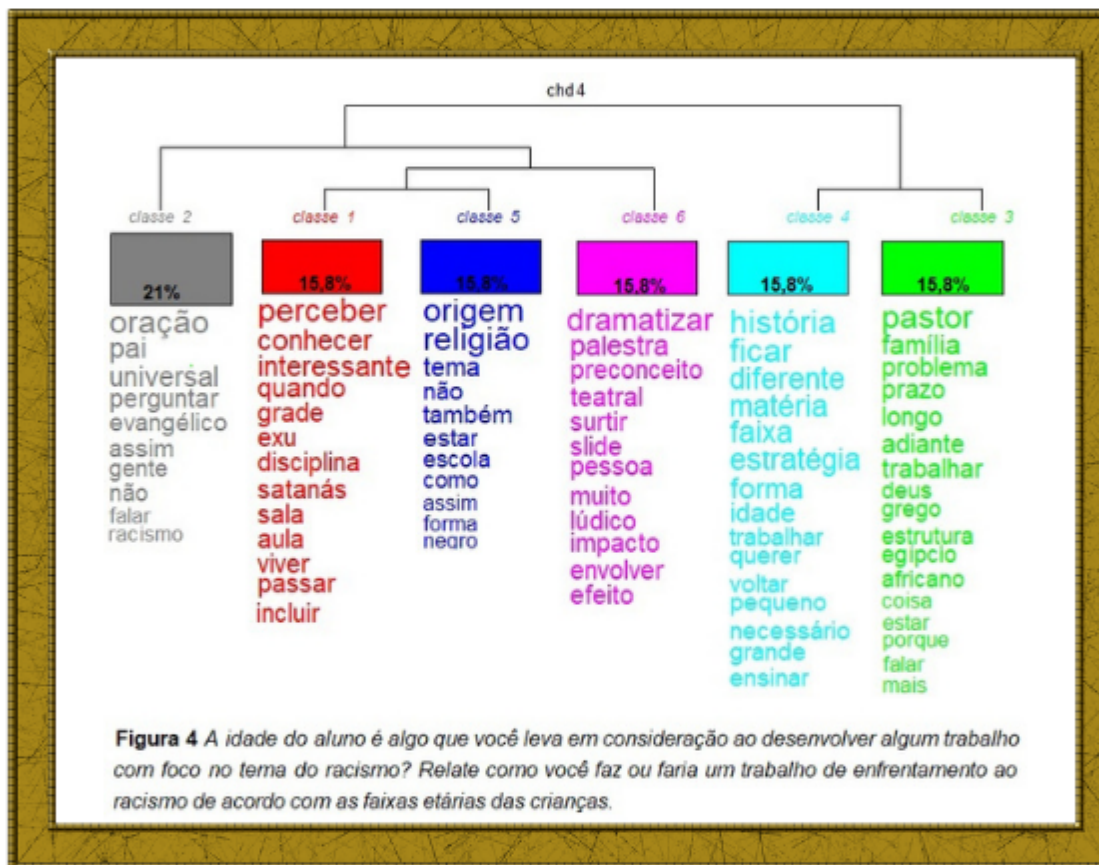
“Eu acho que não tem racismo nesse caso aí, é uma forma carinhosa que ele achou” (*n_1).

Os professores narram situações presenciadas, que, entretanto, eles e elas têm dúvidas se foram ou não situações de racismo. Alguns comportamentos de alunos de se afastar de contatos com o grupo são questionados se podem ser

características pessoais dos próprios. Assim como, a aquiescência a rótulos é vista como dependente do contexto de interação, ou estando em concordância com as vítimas. Observa-se a naturalização das ações dos alunos pelos professores, que já não mais reconhecem, ou aceitam a situação como racismo. Quanto ao que fazem, ou suas atitudes mediante à visualização das situações, não é clara no discurso, entretanto, a responsabilização dos estudantes que se afastam, e a concordância com os rótulos, é atribuído a atitudes ou a características pessoais dos próprios alunos. De modo que, o discurso dos professores reflete dúvidas sobre se as situações são mesmo racista e sobre o modo de lidar com elas, deixando-os aparentemente imobilizados.

O desenvolvimento do aluno e o enfrentamento do racismo pelos professores

Com o objetivo de compreender se os professores consideram especificidades relativas à idade das crianças quando trabalham o enfrentamento do racismo, perguntou-se a eles e elas: A idade do aluno é algo que você leva em consideração ao desenvolver algum trabalho com foco no tema do racismo? Relate como você faz ou faria um trabalho de enfrentamento ao racismo de acordo com as faixas etárias das crianças. Na CHD foram geradas 6 classes de segmentos de textos (quadro 5) que demonstra os conteúdos semânticos de cada classe.



O quadro acima demonstra as relações interclasses. O dendrograma contempla o corpus textual com sua divisão em blocos (subcorpus) interligados. O primeiro contém a classe 2 (21%). O segundo tem uma subdivisão que é a classe 1 (18,5%) ligado a classe 5 (15,8%) e pela Classe 6 (15,8%), os quais possuem conteúdos semânticos mais próximos. O outro bloco foi formado pela classe 4(15,8%) e classe 3 (15,8%) demonstrando uma semelhança entre elas. A partir do processamento dos dados pelo software, foi realizada a leitura das palavras mais relevantes nas classes e de como elas estão inseridas nos segmentos de textos e posteriormente nomeadas. Classe 1: conhecer a disciplina que estava na grade; classe 2: oração universal; Classe: trabalhar a longo prazo; Classe 5: origem da religião e classe 6: dramatização teatral e palestras.

Classe 1 "Conhecer a disciplina que estava na grade" os participantes falaram sobre um tempo que havia uma disciplina na grade que falava sobre a cultura afro, e discutiram a importância dela para trabalhar a desconstrução do preconceito contra religiões de matriz africana. Falas que contemplam essa classe:

*Aqui na escola a gente já viveu algo mais forte, foi quando incluiu a disciplina Cultura Afro. Eu achei bem interessante, percebi que na sala de aula, os meninos estavam conhecendo, porque antes achavam que Exu era satanás. Eu lembro que na época eles conheciam os nomes de alguns Deuses que era nome de rios, de cidade. 'Ah, mas é nome disso'? Mas você achou que fosse nome de quê? 'Do cão, de Satanás' Então você vê que é falta de informação em relação a isso. O preconceito acaba sendo estrutural, a gente acaba velando sem perceber também. Quando eles passaram a conhecer a disciplina percebiam todo um contexto histórico, pois falava como chegou. Pelo que percebi, não faz mais parte da grade. (*n_3)*

*Eu lembro quando trabalhei em outro município, que foi uma mãe e me pediu que a filha não ia estudar aquilo ali não, porque ela era evangélica, e que a filha não ia fazer trabalho, se reunir para falar sobre Exu não. agora como agir, né? Porque faz parte da grade. (*n_1)*

Classe 2 "Oração universal" foi identificada dois tipos de respostas, a primeira voltada para a existência de uma oração universal. A segunda sobre falar de outros assuntos além do racismo. A seguir, falas representativas:

*"Por exemplo é certo fazer oração em sala de aula?" (*n_8)*

*A oração universal eu gosto, de vez em quando, não todos os dias, nem toda semana. Pedi aos alunos para fazerem essa oração o 'Pai Nosso' e um se sentou na hora da oração. Ele não fez e depois eu perguntei por que você não levantou pra fazer a oração junto com os colegas? E ele falou: _porque eu sou evangélico. Isso só mostra que tem outras coisas para falar, a gente não pode falar só do racismo em si. (*n_5)*

Classe 3 "Trabalhar a longo prazo" os componentes do grupo responderam sobre trabalhar temas voltados para a cultura afro na estrutura social, na família, igreja, devendo ser realizado a longo prazo, para conscientizar sobre a discriminação. Como exemplo de falas que representam essa classe, dispomos:

*“É, o problema está mais adiante, é o pastor, né? É por isso que eu falo que é a longo prazo. Por que tem que trabalhar na estrutura da família.” (*n_3)*

*Tem que trabalhar com o pastor, difícil! Porque cada família crê numa coisa. Então tem que trabalhar de forma generalizada e a parte da discriminação. Tem que tratar desses temas, não em si a religião, eu acho. Aí conhece, Deuses gregos, Deuses não sei de que, Deuses egípcios, mas os africanos ninguém fala. (*n_8)*

Classe 4 “Para cada idade existe uma estratégia”, os participantes versaram sobre a necessidade de trabalhar o enfrentamento do racismo em todas as idades. Mencionaram que para cada faixa etária deveria haver uma maneira de trabalhar esse tema.

*“Deve-se ensinar sobre o racismo em qualquer idade, pequenos e grandes, são necessários. Tem que ter uma forma diferente de trabalhar. Cada faixa etária tem que ter estratégias diferentes de trabalhar.” (*n_9)*

*“Esse assunto, ficou pra se ensinar em história, quer dizer, cortou, né? Porque voltou a ser como era antigamente, porque ninguém trabalha.” (*n_1)*

Classe 5 “Origem da religião” os professores expressaram ideias sobre o dever da escola de trazer discussões sobre a origem das religiões, sobretudo as de matriz africana. Seguem respostas significativas sobre a classe:

*Discute várias religiões, mas a religião do negro não, a religião do negro você não pode discutir, que é a nossa origem. Por que é proibido discutir sobre ela? Porque se você quer agregar, precisa conhecer. (*n_3)*

*“A escola está sendo preconceituosa quando ela esconde sobre esse tema também sobre outras religiões, quando ela não informa também, como é um conteúdo avulso. Porque você vai esconder a origem.” (*n_8)*

Classe “Dramatização teatral e palestras” os professores declararam sobre meios de enfrentamento do racismo para alunos de diferentes idades. Dentre as respostas agrupadas nessa classe, destacam-se:

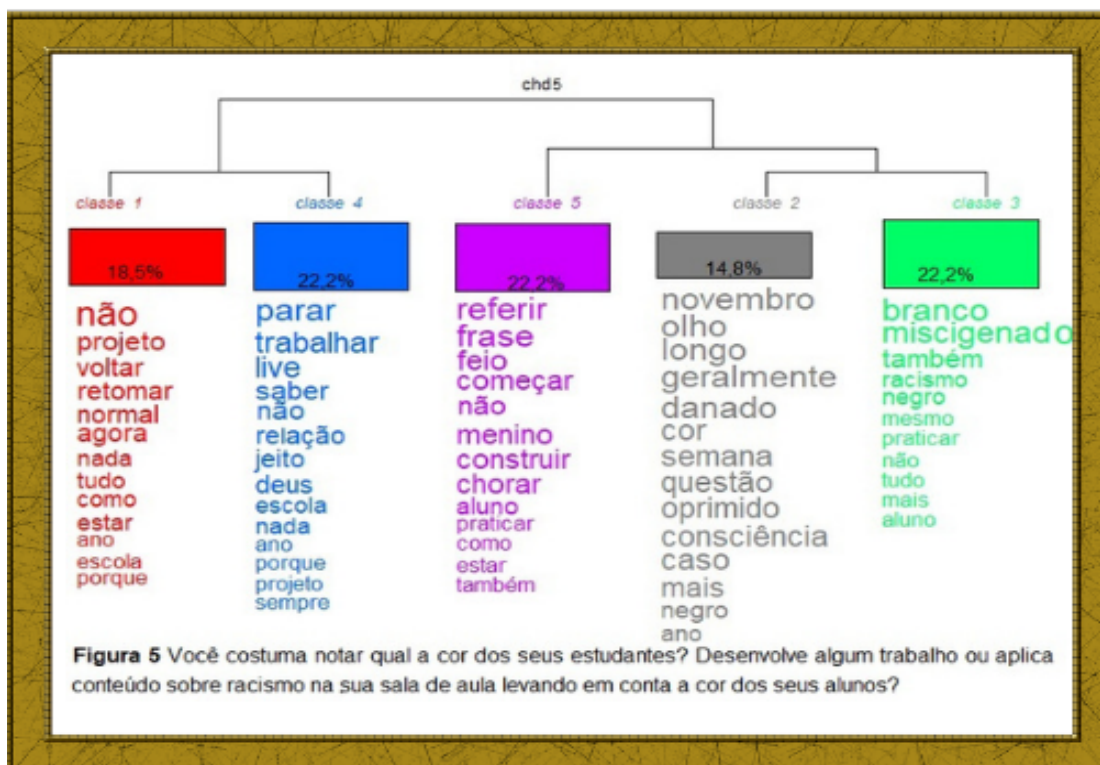
*“A pessoa fazendo uma dramatização teatral, acho que teria mais impacto em crianças menores.” (*n_6)*

*“Também acho que chamaria mais a atenção uma dramatização envolvendo esse tema, eu acho que seria bem interessante e bem lúdico. Para os maiores palestra sobre preconceito, com slide.” (*n_2).*

Os professores hesitaram ao responder se consideravam diferenças de idades dos estudantes ao falar sobre racismo com eles. Utilizaram a religião como percurso para acessar a resposta. Lembrando de uma disciplina, retirada da grade curricular, que abordava a cultura africana e trazia o conteúdo sobre religiões de matriz africana. Na palavra dos professores, a informação histórica oferecida pela disciplina eliminava estereótipos das religiões africanas. A reflexão dos professores transitou pela crítica a adoção de uma única religião como dominante, por excluir membros de religiões minoritárias de ritos realizados na escola. Questionou-se ainda a responsabilização da escola na transmissão de informações sobre o racismo, e o compartilhamento com outras instituições, a exemplo das religiosas. Por fim, para os professores, modos de transmissão mais práticos, são mais acessíveis a públicos mais novos, como a dramatização, teatralização. Com os mais velhos, pode usar modos mais abstratos de lidar com o tema, como uso de palestras e slides.

A cor dos estudantes e a adequação dos conteúdos ministrados no enfrentamento do racismo pelos professores

Para atender ao objetivo de analisar se os professores direcionavam os conteúdos ministrados em função da saliência da cor da pele dos alunos na sala de aula, realizou-se as perguntas: Você costuma notar qual a cor dos seus estudantes? Desenvolve algum trabalho ou aplica algum conteúdo sobre racismo na sua sala de aula levando em conta a cor dos seus alunos? Para fins de análise as respostas foram alocadas em um único tópico, para que pudessem ser lidas pelo software, pois há uma quantidade mínima para analisar o corpus textual. Na CHD abaixo foram geradas 5 classes de segmentos de textos distintas (quadro 6) que certificam os conteúdos semânticos de cada classe.



No dendrograma, o corpus textual se dividiu em dois blocos (subcorpus) independentes. O primeiro foi composto pela classe 1 (18,5%) e pela Classe 4

(22,2) os quais possuem conteúdos semânticos que mais se aproximam. O outro bloco foi formado pela classe 5 (22,2%), a classe 2 (14,8%) e pela classe 3 (22,2%) demonstrando certa oposição as ideias do bloco anterior. Sendo assim, após o tratamento dos dados pelo software, foi concretizada a leitura dos vocábulos expressivos nas classes e de como eles estão inseridos nos segmentos de textos, depois nomeamos: classe 1: não há projeto; classe 2: Cor não é uma questão; Classe 3: branco também sofre racismo; Classe 4: pararam os projetos e classe 5: referiu-se ao outro como feio.

Na classe 1 “Não há projeto” os participantes abordaram sobre dois assuntos: não haver conteúdos e nem projetos sobre racismo e sobre não ter o costume de notar a cor de alunos. Os argumentos representativos da classe:

*“Aqui até já teve, mas esse ano não. Mas ninguém até hoje se sentou para se fazer um projeto de nada, socioemocional relacionado a nada.” (*n_7)*

*“Não, para mim é tudo igual.” (*n_5)*

Na classe 2 “Cor não é uma questão” os educadores falaram sobre dois assuntos: primeiro sobre não observar o aluno em função da cor e sim em relação ao comportamento; segundo, referiram que só dialogam acerca de consciência negra ou mesmo racismo apenas em novembro. As respostas significativas da classe foram:

*“Não, geralmente eu olho assim, quem é mais danado.” (*n_1)*

*“Só na semana da consciência negra. Só em novembro mesmo.” (*n_4)*

Classe 3 “Branco também sofre racismo” os participantes versaram sobre o negro também praticar racismo e a respeito do branco também sofrer racismo. São falas representativas dessa classe:

*“E o racismo não é só sobre o negro, pode também discriminar aquele branco lá. É, os colegas negros praticam racismo também.” (*n_3)*

*Pois é, eu sofri a vida toda, o branco também sofre preconceito, não é só o negro não. (*n_5)*

Classe 4 “Pararam os projetos” os professores falaram inicialmente sobre nunca ter pensado sobre o assunto relacionado a cor. Depois discutiram acerca dos projetos que pararam devido a pandemia. Abaixo exemplos de falas representativas da classe:

*“Não, eu nunca parei para pensar sobre isso.” (*n_8)*

*“Porque estamos retomando agora, mas sempre foi feito projeto na escola em relação a isso sim. Porque nós paramos dois anos, não teve nada nesses dois anos, foi cada um trabalhando em uma live, do jeito que só Deus sabe.” (*n_5)*

Classe 5 “Referiu-se ao outro como feio” os componentes do grupo dialogaram no tocante ao caso de racismo contra um branco e entre eles foi percebido que não se tratava de racismo, pois o outro não estava sendo oprimido em função da cor. Dentre as falas destacam-se:

Tenho um aluno que é branco e chamam ele de feio. Eu mandei construir uma frase e na construção alguém se referiu a esse aluno, que ele é feio, e aí o menino começou a chorar. Depois eu fui, acalmei. Eu disse, não, não se importe não, ele só fez complementar a frase, mas ele não estava se referindo a você.

Porque eu fui escolhendo nomes de alguns alunos para que eles construíssem frases com aqueles alunos, e aí ele se referiu ao outro como feio. E o menino começou a chorar. (*n_5)

*“Mas aí nesse caso não é racismo, né? Porque o negro é sempre sofre pela questão da cor.”(*n_1)*

Os professores referiram que não consideram a cor da pele dos alunos porque não os analisa por essa perspectiva, analisam apenas o comportamento. Os professores mostram-se confusos sobre o que é racismo, demonstrando forte necessidade de atualização sobre o tema, e suas bases no poder social dos grupos. Essa desinformação é demonstrada na vitimização do branco e culpabilização do negro pelo racismo. De modo geral, fica evidente nas narrativas dos professores a negação do racismo e o despreparo para lidar com ele.

Capítulo 4: DISCUSSÃO

No presente estudo analisamos quais estratégias de enfrentamento ao racismo estão sendo utilizadas por professores. Especificamente, observamos como os professores lidam com manifestação do racismo; verificamos se existe variação na forma como os professores trabalham o enfrentamento do racismo em pessoas de diferentes idades e analisamos se os professores direcionam os conteúdos ministrados em função da saliência da cor da pele dos alunos na sala de aula (se os professores levam em considerações se a maioria é branca ou negra para aplicar o conteúdo). Os resultados apresentados anteriormente serão discutidos a partir do referencial teórico que perpassa esse estudo.

Reações dos professores frente a situações de racismo observado

Os professores reconheceram o racismo no vídeo exibido, mas não expuseram como iriam reagir se estivessem em uma situação parecida. O que podemos notar é que há um despreparo por parte dos professores para lidar com o racismo, nesse sentido, não fazem ações de enfrentamento. Os resultados estão em consonância com afirmações de Munanga (2005) sobre o despreparo dos professores para lidar com questões relativas ao racismo na sala de aula; e com as recomendações de Gomes (2003) sobre a necessidade de oferta de capacitações específicas para os professores em sua trajetória de ensino, que incluam propostas que dialoguem sobre racismo, preconceito, discriminação racial, valorização da população dos negros e ações voltadas para o enfrentamento de práticas racistas.

Constatou-se por meio dos resultados que os professores minimizam o problema do racismo, dizendo que faz parte de toda sociedade, que acontece até

em país de primeiro mundo e que era reflexo do lugar onde os alunos moram. Esses resultados são semelhantes aos de Cavalleiro (2005) relativamente a negação da existência do fenômeno do contexto escolar e importância do mesmo como assunto a ser referido e discutido por eles ou pela escola. Corroboram ainda resultados encontrados por Santos (2014) e Carvalho (2020) sobre a desresponsabilização da escola no gerenciamento de situações de racismo e atribuição de responsabilidade ao estado ou a família, demonstrando minimização e esquivas no manuseio de situações de conflito racial (Cavalleiro, 2005).

Surgiram falas associando o racismo ao bullying, colocando-o como comum independente da raça, está presente nas interações interpessoais dos alunos, sendo impossível para os professores resolvê-las devido a sua sobrecarga com atividades acadêmicas específicas deles. Esse resultado se alinha com estudos sobre essa ausência de discussão sobre o racismo, assim Gomes (2003) acredita que a falta de diálogo sobre a temática racial por professores no ensino básico, acaba reforçando representações negativas sobre o negro. Riedmann (2015) também traz suas contribuições sobre a negação do racismo e suas consequências, pois fica evidente também essa negação quando o racismo é tratado como bullying.

Os resultados encontrados mostram que os professores buscavam formas de se esquivar da temática racial, tentando entrar no diálogo sobre a ansiedade dos docentes, pois se sentiam fragilizados psicologicamente depois da pandemia. De fato, a pandemia trouxe desafios tanto para alunos quanto para professores que merecem ser mais bem discutidos. Por exemplo, Andrade Schmidt, Montiel e Zitske (2020) analisam efeitos da pandemia em docentes e no trabalho docente, destacando nesses últimos a perturbação emocional e culpabilização por não conseguir oferecer seu trabalho com a mesma qualidade e aumento da síndrome de

Burnout. A pandemia também aumentou os conflitos por questões interraciais ou intensificou os já existentes (Nunes & Rezende 2021), sendo necessário trazer a discussão sobre o assunto pois, após o retorno das aulas presenciais, os professores afirmam que não reservaram nenhum momento para falar sobre o tema racismo.

Uma possível explicação para o fato de os professores não saber agir em situações que demandam intervenção em casos de racismo, é a falta de atualização deles, talvez a instituição a qual trabalham e os órgãos governamentais de origem não tenha oferecido cursos de atualização sobre relações interétnicas e exigido a participação deles. Outra explicação é que os professores são mais preocupados com os aspectos acadêmicos do que com as interações, e por isso se concentram nas matérias de ensino deles, e na qualidade de suas aulas, pois é o que lhes é exigido. Por se tratar de uma escola pública, quem produz os conteúdos é a Secretaria de Educação do Estado.

Estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores

A discussão aqui se concentra em atender ao objetivo geral, analisar quais estratégias de enfrentamento ao racismo estão sendo utilizadas por professores. Foi possível constar através dos resultados, que os educadores recebem queixas dos alunos sobre racismo, nesses casos, mencionam a conscientização como recurso, ainda que não notem a eficácia dessa ação. Embora os professores refiram a conscientização como estratégia possível, não é claro no discurso deles o que eles entendem por conscientização, ou como seria concretamente na perspectiva deles. O estudo de Aldana e Byrd (2015) fala sobre ações realizadas pelas escolas, que trabalham em prol da conscientização dos alunos. Essas práticas são voltadas para

tratar das diferenças étnico-raciais, discriminação racial, ressaltando a importância de falar tanto a nível individual quanto institucional, buscando promover uma vivência significativa com diferentes grupos raciais e enfrentamento do racismo, pontuado a relevância de possibilitar relações intergrupais positivas no ambiente escolar.

Os resultados indicam que na maioria dos casos, as queixas de racismo relatadas por alunos, são postas em dúvida, pois os professores se questionam se as reclamações recebidas se trata de racismo. Houve também uma culpabilização da vítima pelo racismo sofrido. Esse dado é importante e dialoga com estudo de Lima *et al.* (2020) que trata exatamente do racismo revitimizador, que parte da crença de que pessoas negras se colocam como vítimas e que se sofrem racismo, a culpa é delas. Essa forma de racismo traz uma problemática interessante para ser discutida que é justamente pensar sobre os danos que pode levar para a pessoa que é o alvo.

O que surgiu também nessas falas foi a importância de punir as crianças que cometem racismo, para que elas saibam que o que estão fazendo é um crime. Essa perspectiva carece ser analisada. Convém lembrar, que o combate ao racismo não se restringe a tornar mais severas as medidas contra a quem o comete, pois não contempla toda a dimensão do problema, pois Lima *et al.* (2008), revela que em torno dessa questão se cruzam problemas de política, da economia, das relações humanas, institucionais e por fim do plano individual. Esse achado sobre a punição como proposta de reflexão sobre suas atitudes chama atenção, pois é o contrário do que foi identificado na escrita de Leite e França (2022) nela podemos encontrar a ineficiência de práticas punitivas no combate do racismo na escola, pois ao invés de compreenderem a situação como negativa para todos os envolvidos, pode resultar

em uma autodefesa da pessoa que cometeu o racismo e uma ausência de reflexão sobre o ato praticado.

Os resultados também trazem uma concepção do racismo como um fenômeno que vive no indivíduo, tratada de forma naturalizada. Aqui percebe-se que não há uma preocupação sobre educar crianças para uma sociedade que seja pautada na redução e erradicação do racismo. Não se pensa também nas marcas que o racismo pode causar naqueles que passam por essas situações e que não existem pautas para este tipo de assistência. Nos estudos de (Lima; Rezende, 2009; Ucelli, 2016) é possível verificar esses questionamentos quanto ao acolhimento institucional e as formas de controle, vigilância e desproteção ofertadas pela escola, quando na verdade a urgência é na construção de espaços de diálogos e circulação dos discursos.

Especificando como os professores lidam com manifestação do racismo

Os dados demonstram que os participantes falaram sobre a sobrecarga emocional para falar do racismo e ao mesmo tempo afirmam que não possuem tempo para falar sobre. Além disso, quando questionados se presenciaram alguma situação de racismo na escola, surgiram falas que não presenciaram racismo e que já até suspeitaram de racismo, pois tem um aluno que se exclui dos grupos. Nos estudos de Gomes (2003) afirma que geralmente docentes não notam que uma timidez de um aluno e a recusa em realizar trabalhos em grupo pode estar diretamente ligada ao fato do racismo estrutural, que fortalece a ideia do negro como inferior tanto esteticamente quanto intelectualmente (Galtung, 1990).

Ainda atendendo ao objetivo que é observar como os professores lidam com manifestação do racismo, a partir dos resultados obtidos, percebeu-se nas falas,

que eles não possuíam preparação emocional para falar do racismo e que faz falta alguém que realize esse trabalho em classe. Esses dados caminham juntamente com o estudo de Machado (2007) e Rosa (2017) que afirmam que os profissionais da educação se esquivam de conteúdos que dialoguem com o racismo, pois não se sentem preparados.

Compreendendo que existe um desconhecimento por parte dos professores sobre ações que possam somar positivamente no combate ao racismo, se faz importante listar algumas, citadas ao decorrer dessa escrita. Iniciaremos com a hipótese do contato de Allport (1954) replicada por Stathi *et al.* (2014) evidencia que quanto maior for o contato entre membros de diferentes grupos, poderá haver mais resultados na redução do preconceito e na promoção de relações intergrupais positivas. Para que o contato seja efetivo deve obedecer a algumas condições, tais como, estabelecer igualdade de status entre grupos na sala de aula, cooperação entre os grupos, podendo ser aplicadas para encorajar jovens de diferentes grupos a identificar objetivos comuns e trabalhar de forma colaborativa em direção a objetivos comuns, seguindo normas de apoio institucional nas escolas, essas devem fornecer informações importantes sobre o grau em que o contato intergrupar e as relações amistosas entre linhas raciais e étnicas são considerados valiosos ou apropriados.

A hipótese da educação multicultural defendida por (Forrest; Lean & Dunn, 2016; Berry & Kalin, 1995) disponibiliza para pessoas que são do grupo minoritário uma visão positiva das suas culturas. Através disso, é possível aproximá-los, uma vez que eles poderão ter interesses em entender a cultura do outro. Antunes (2021) também trabalha a educação multicultural e ressalta valores como convivência,

respeito e diversidade de forma transversal, sendo fundamental na redução práticas racistas.

Outra estratégia sugerida foi a reflexividade, estudada por Kowal *et al.* (2013) é um tipo de instrumento de estratégia para situar conhecimentos. O estudo explicita que ao praticá-la os alunos sujeitos estariam mais dispostos a perceber que suas ações podem afetar a autoestima do colega. Isto é, uma vez construindo um aprendizado com ampliação de visão sobre a diversidade, resultará em comportamentos mais flexíveis.

Aldana e Byrd (2015) também pontuam a relevância de relações intergrupais positivas no âmbito escolar, destacando que os alunos devem ser estimulados a trabalhar suas resoluções de conflitos de forma pacífica. Para as autoras, a escola deve ter ações pautadas na redução do preconceito racial, desenvolvendo também pesquisas com participação ativa dos alunos, para propor análise crítica acerca do racismo histórico e contemporâneo.

O desenvolvimento do aluno e o enfrentamento do racismo pelos professores

Pensando em atender especificamente ao objetivo, verificar se existe variação na forma como os professores trabalham o enfrentamento do racismo em pessoas de diferentes idades, foi possível destacar alguns achados. Uma parte dos participantes afirmaram que deveriam ensinar sobre o racismo em qualquer idade, pequenos e grandes, mas com formas diferentes de trabalhar. Outros afirmaram que cada faixa etária tem que ter estratégias diferentes. Além disso, especificaram que para crianças menores deveriam investir em dramatização envolvendo esse tema.

Esses dados demonstram que apesar de perceberem que é importante trabalhar o enfrentamento do racismo, eles não atuam através dessa perspectiva de

combate ao racismo pois há uma falta de atualização e conhecimento sobre o assunto. Refletindo a escola como uma instituição capaz de possibilitar a promoção de informações sobre diversos grupos sociais e estimular o combate do racismo em diferentes idades, Tropp *et al.* (2021) e Tropp e Rucinski (2022) discutem sobre contato intergrupar, mostrando que alunos que frequentam escolas com maior diversidade racial e étnica tendem a apresentar níveis mais baixos de preconceito. Eles abordam como fazer considerações ao desenvolvimento da raça e etnia em discussões sobre combate ao racismo.

A cor dos estudantes e a adequação dos conteúdos ministrados no enfrentamento do racismo pelos professores

Apesar dessa consideração dos professores acerca da importância de combater o racismo na escola, quando foi perguntado se eles desenvolviam algum trabalho ou aplica conteúdo sobre racismo em sala de aula levando em conta a cor dos seus alunos os participantes afirmaram que foi retirada a disciplina cultura afro, que tratava do assunto. Esse resultado traz a seguinte observação, quando o tema é amparado institucionalmente produz mais adesão do corpo docente. Outra reflexão é sobre como a escola pode reproduzir o esquema estrutural entre brancos e negros, podendo estimular a reprodução do sistema não igualitário (Souza, 2005). Estudos que testam a eficácia das intervenções baseadas no contato observam mudanças positivas nas atitudes intergrupais entre os jovens em uma variedade de contextos (Tropp & Rucinski, 2022).

Pensando em atender especificamente ao objetivo analisar se os professores direcionam os conteúdos ministrados em função da saliência da cor da pele dos alunos na sala de aula. A partir dos resultados obtidos evidenciou-se que para eles

(professores) os alunos são todos iguais, que não levam em consideração a cor. Essa ideia levantada por eles é problemática, pois quando se propaga uma ideia de igualdade entre todos, há uma esquiva para falar sobre a raça, podendo contribuir para que o racismo continue ocorrendo. Esquivar-se de notar que há dissemelhança nas interações sociais para transmitir a ideia de imparcialidade é um método empregado frequentemente pelos docentes em escolas. Esse resultado dialoga com o Color Blinde (daltonismo) que nega a realidade social, uma vez que grande parte da sociedade pauta suas escolhas em função da cor. Esse daltonismo destaca o suporte a concepção de “igualdade e justiça”, não se valendo de discussões sobre raça (Apfelbaum *et al.*, 2012).

Alguns resultados também sugerem sobre a necessidade de trabalhar a conscientização no sentido de Aldana e Byrd (2015), não apenas em feriados como a Semana da Consciência Negra, mas sim ao longo do ano. Esse achado traz uma semelhança com o estudo realizado por Backes (2016) o qual pontua que o enfrentamento do racismo deve ser pautado com efetivações de projetos ancorados na Lei 10639/2003 e que não sejam apenas aplicados em períodos pontuais como datas comemorativas e sim que possam ser realizados no decorrer do ano pelos professores. Ele afirma que o racismo deve ser enfrentado diariamente e que reconhecer a importância do Dia da Consciência Negra, por ser uma data marcante na luta dos negros no Brasil, mas que esse combate do racismo deve ser parte de discussões cotidianas em todos os contextos na sociedade, de forma transversal, não se valendo apenas em conteúdo da disciplina de História.

CONCLUSÕES

A pesquisa desenvolvida teve como principal foco analisar de que forma professores atuam no enfrentamento do racismo nas escolas, com base na teoria da psicologia social do racismo, apresentando a análise de dados desse estudo empírico realizado com professores. Foi levantado o ponto de vista pessoal e profissional de cada professor e o referencial teórico sobre o papel da escola e seu corpo docente no combate ao racismo dentro da comunidade escolar.

Foi constatado a negação do racismo, o que significa que os atores sociais não o reconhecem e, portanto, não desenvolvem estratégias de enfrentamento. Isso foi percebido pelo despreparo dos professores para lidar com o racismo existente nas relações interpessoais e para tornar o tema das relações raciais parte das disciplinas e ações da escola.

Em virtude das discussões em relação ao fenômeno racismo e da escola como um local importante de combate ao racismo, esses professores deveriam ser atualizados em relação a temática. Como discutido, os professores não realizam ações de combate ao racismo, mas o que cabe ser destacado aqui é que eles ainda realizavam algumas atividades sobre racismo quando ainda existia uma disciplina na grade que se referia à cultura afro. Isso mostra a importância do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e da cultura e história indígena em todo o sistema educacional.

Estudos futuros podem ser refinados, trazendo uma análise mais detalhada sobre como o enfrentamento do racismo afeta cada indivíduo e qual a importância

de se ter um papel ativo nesse combate. Levando em consideração a limitação encontrada nesse estudo, que foi falar aos professores que no vídeo contém uma situação de racismo, deixando-os já em alerta. Poderia ter sido deixado aberto para que eles comentassem se a situação do vídeo era entendida como racismo ou não, pois eles podem ainda saber o que é racismo, mas podem não conseguir identificar.

É atribuída a escola o papel de enfrentar o racismo através de práticas que objetivam principalmente a prevenção ao racismo, além de, exercícios que reforcem a responsabilidade que cada indivíduo em conscientizar, não propagar, combater o racismo e acolher aqueles que são vítimas do racismo também. A conscientização de todos, pode proporcionar a escola um meio prático e efetivo de combate ao racismo, meio esse que pode ser melhorado através de investimentos em pesquisas e sugestões da comunidade científica para que esse enfrentamento se torne cada vez mais comum e incisivo. É esperado que, a presente pesquisa sirva como caminho para que novas pesquisas sobre o enfrentamento do racismo nas escolas sejam desenvolvidas, rebuscando resultados e respondendo possíveis questionamentos e não esclarecimentos que essa pesquisa pode ter gerado dentro da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Este estudo buscou analisar as estratégias de enfrentamento ao racismo utilizadas por professores, para alcançá-lo realizou-se estudos teóricos e empíricos. No capítulo 1, trouxemos reflexões sobre como o racismo pode afetar as práticas dentro do contexto escolar, para isso, foi necessário trazer conceitos sobre o racismo, presente nas relações e como afeta a escolarização de alunos negros. Foi devidamente destacado o racismo institucional, caminhando pela discussão sobre como a escola, enquanto instituição, funciona a partir da lógica racista. Em seguida, são descritas como a socialização racial surge na escola e como os educadores são componentes fundamentais nesse processo. No estudo 2 tratou-se de uma revisão integrativa, debatendo alguns subsídios teóricos apropriadas para contribuir no incremento de estratégias de enfrentamento ao racismo âmbito da educação, a fim de movimentar forças para combatê-lo. O estudo 3 apresenta um estudo empírico, a fim de verificar estratégias de enfrentamento ao racismo para a ascensão de uma coletividade que tenha igualdade de direitos, uma escola que esteja educando para a diversidade racial, o respeito às diferenças e justiça social

A pesquisa mostra que os docentes têm poucos conhecimentos e apresentam crenças naturalizadoras sobre o assunto, então realizam abordagens sobre o tema do racismo através de conversas pouco aprofundadas pois não se sentem preparados para lidar com a parte emocional envolvida no assunto. Os professores se desresponsabilizam e responsabilizam os estudantes, as instituições e a família e consideram que trabalhar essa temática é um trabalho extraclasse, ou seja, que deveria ter um profissional da Psicologia para tratar dessa problemática,

que demanda um tempo que eles (professores) não dispõem. Eles têm noção de que devem considerar idade, ou seja, o desenvolvimento, mas não sabem como fazê-lo. Outro fato foi que eles não veem a cor da pele e nem consideram adaptar assuntos em função da etnia/cor dos alunos. O que seria necessário para que o ambiente escolar se torne antirracista é reconhecer que o racismo não é assunto do passado, reconhecendo necessidades urgentes de ações de enfrentamento desde os alunos das séries iniciais, pois o racismo é aprendido.

A escola, por ser uma instituição social, não está fora da estrutura que opera segundo a lógica do racismo. Esse ambiente oferece amplas oportunidades para promover o contato entre jovens de diferentes grupos sociais. Por esse motivo deve trabalhar a perspectiva do letramento racial se comprometendo em cumprir com as leis nº 10.639/03 e a 11.645/08, discutindo a história e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas de forma responsável, inalterada e sistemática. Esse ambiente oferece amplas oportunidades para promover o contato entre jovens de diferentes grupos sociais.

O estudo realizado contribuirá para o desenvolvimento de pesquisas com foco no racismo no ambiente escolar, principalmente no enquadramento de reflexões sobre o papel do professor nesse contexto. Agregou-se perspectivas clássicas e novos desenvolvimentos de estudos realizados por autores da psicologia social com foco no combate do racismo e preconceito racial, tais como a teoria do contato, hipótese do multiculturalismo, reflexividade e vencer o silêncio sobre racismo. Por meio dessas estratégias é possível modificar a representação negativa dos negros, além de colaborar com a redução atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios, contribuindo para que alunos negros possam

desenvolver uma identidade mais positiva como pertencente ao seu próprio grupo racial. Foi possível compilar textos que dialogavam com a temática do enfrentamento do racismo no âmbito educacional.

Estudos futuros podem trabalhar com professores que já administrem ações de combate ao racismo, buscando reunir informações sobre práticas antirracistas realizadas por eles. Uma limitação percebida nesse estudo, foi em relação ao número da amostra pequeno, considerando que realizamos apenas um grupo focal. Sugerimos que em estudos futuros ampliem o número da amostra para que existam achados com maior representatividade e com poder de generalização. Também podem ampliar o contexto geográfico, não se limitando a apenas uma cidade, mas que seja ampliado para uma realização de estudos em diferentes contextos regionais do Brasil.

REFERÊNCIAS

- Aboud, Frances E. Children and prejudice. B. Blackwell, 1988.
- Aboud, F. E., Tredoux, C., Tropp, L. R., Brown, C. S., Niens, U., & Noor, N. M. (2012). Interventions to reduce prejudice and enhance inclusion and respect for ethnic differences in early childhood: A systematic review. *Developmental review*, 32(4), 307-336.
- Aldana, A., & Byrd, C. M. (2015). School ethnic-racial socialization: Learning about race and ethnicity among African American students. *The Urban Review*, 47(3), 563-576.
- Allport, G. W., Clark, K., & Pettigrew, T. (1954). The nature of prejudice.
- Almeida Maia, C. N., & Ferreira, L. G. (2011). Igualdade ou diferença? A questão da diversidade e da identidade na escola. *Revista Espaço Acadêmico*, 11(127), 38-47.
- Alves Rossatto, L., Lepore, P. E., & Cunha, R. S. (2020). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069/90-comentado artigo por artigo. Saraiva Educação SA.
- Antunes, J. (2021). Produção de encaminhamentos para a psicologia clínica: efeitos do racismo no contexto escolar. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, 8(4), 18-25.
- Apfelbaum, E. P., Norton, M. I., & Sommers, S. R. (2012). Racial color blindness: Emergence, practice, and implications. *Current directions in psychological science*, 21(3), 205-209.
- Backes, J. L. (2016). < b> O currículo e a produção de sujeitos

afrodescendentes em uma escola pública estadual de Campo Grande (MS) com alto IDEB. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 38(1), 49-56.

Bandura, A. (1989). Social Cognitive Theory. In R. Vasta (Ed.). *Annals of Child Development. Six Theories of Child Development* (Vol. 6, pp. 1-60). Greenwich, CT: JAI Press.

Bandura, A. (1996). Social cognitive theory of human development. In T. Husen, & T. N. Postlethwaite, *International Encyclopedia of Education*. Oxford: Pergamon Press

Batista, W. M. (2018). A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural.

Berger, R.; Benatov, J.; Abu-Raiya, H. & Tadmor, C. (2016). Reducing prejudice and promoting positive intergroup attitudes among elementary-school children in the 112 context of the Israeli–Palestinian conflict. *Journal of School Psychology*, 57, p. 53– 72. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2016.04.003>

Bernardino, J. (2002). Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. *Estudos afro-asiáticos*, 24, 247-273.

Berry, J. W., & Kalin, R. (1995). Multicultural and ethnic attitudes in Canada: An overview of the 1991 National Survey. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 27(3), 301–320. doi:10.1037/0008-400x.27.3.301

Bigler, R. S. (1999). The use of multicultural curricula and materials to counter racism in children. *Journal of Social Issues*, 55(4), 687-705.

Branch, A. J. (2014). Ethnic Identity Exploration in Education Promotes African American Male Student Achievement. *Journal of African American Males in*

Education, 5(1).

Campos, L. A. (2017). Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. *Revista brasileira de ciências sociais*, 32.

Cardoso, G. K. A., & Bonomo, M. (2019). Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39.

Carneiro, S. (2015). Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo Negro.

Carone, I., & Bento, M. A. S. (2017). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Editora Vozes Limitada.

Carvalho, D. M. D. S. (2020). *A escola no enfrentamento ao racismo*. Dissertação, RIUFS.

Carvalho, D. M., & de FRANÇA, D. X. (2019). Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. *Revista Educação & Formação*, 4(3), 148-168.

Cavalleiro, E. (1999). O Processo de Socialização na Educação infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão. *Journal of Human Growth and Development*, 9(2).

Cavalleiro, E. (2001). Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 141-160.

Cavalleiro, E. (2004). Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Editora Contexto.

Cavalleiro, E. In: SECAD. *Educação antirracista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC-SECAD, p. 11-18, 2005.

Chakravarty, S., & Lawrence, C. K. (2022). 'Our Agency Doesn't Like to Use the Word Racism Let Alone Talk about It': Firsthand Stories of Workplace Racism in Child Welfare. *Child Welfare*, 100(1).

Correia, I., & Vala, J. (2003). Crença no mundo justo e vitimização secundária: O papel moderador da inocência da vítima e da persistência do sofrimento. *Análise Psicológica*, 21(3), 341-352.

de Andrade, D. M., Schmidt, E. B., Montiel, F. C., & Zitzke, V. A. (2020). Atividades remotas em tempos de pandemia da COVID-19: possíveis legados à Educação. *Educitec-Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico*, 6, e150120-e150120.

Farias, J. W. F., Sousa, R. S., Lima, T. J. S. D., Santos, W. S. D., & Ferreira, S. C. (2017). Racismo e julgamento social na internet: crianças e jovens negros como alvos.

Farias, M.; Junior, J. & Costa, I. (2018). Terapia ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. *Revista Interinstitucional Brasileira de terapia ocupacional*, v. 2, n. 1, p. 228-243.

Feitosa dos Santos, C. (2014). Escola e preconceito: Relações raciais na ótica dos professores. 2014. Dissertação (Mestrado em psicologia social) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

Forrest, James; Lean, Garth; Dunn, Kevin. (2016). Desafiando o racismo através das escolas: atitudes dos professores em relação à diversidade cultural e à educação multicultural em Sydney, Austrália. *Raça Etnia e Educação*, v. 19, n. 3, p. 618-638.

França, D. X. (2011). Concepção sobre o próprio e outro grupo: Um estudo sobre estereótipos em crianças índias, mulatas, negras e brancas. In: Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal. Lima, M.E.O, Techio, E. M. (orgs). Brasília: Technopolitik.

França, D. X. de. A socialização e as relações interétnicas. In L. Camino, A. N.R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.). (2013). Psicologia Social: Temas e Teorias (2a ed., pp. 541-587). Brasília: Technopolitik.

França, D. X., Da Costa Silva, K., Santos, A. R.; Batista, L. S. (2019). Socialização racial/étnica materna e identidade racial/étnica dos filhos. In: Faro, A., Lima, M. E. O., França, D. X., Enumo, S. R. F., Pereira, C. R. (Orgs.). Psicologia Social e Psicologia da Saúde: tópicos atuais. Curitiba: CRV, 2019.

França, D. X., Da Costa Silva. O Preconceito Racial E O Processo De Socialização. In: Faro, A.; De Araújo, M. R. M. (Orgs.) (2017). Teorias e estudos em psicologia social: a contemporaneidade em temas clássicos. São Cristóvão: Editora UFS.

França, D. X., Santos, R. dos A. O., & Sousa, K. O. de. (2019). Estratégias de combate ao preconceito. *REPECULT - Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura*. <http://costalima.ufrj.br/index.php/REPECULT/article/view/310>.

França, D.X. & Monteiro, M.B. (2002). Identidade racial e preferências e em crianças brasileiras de cinco e dez anos. In: Psicologia, Vol. XVI(2). Pp.293-323.

França, Dalila Xavier. (2017). Discriminação de Crianças Negras na Escola. p.151-171, No. 45, Sergipe.

Galtung, Johan. (1990). "Cultural Violence". Journal of Peadolesceach. v. 27,

n. 3, p. 291-305.

Gatti, Bernadete A. (2005). Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro.

Gil, Antonio Carlos. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas.

Godinho, R. D. O. (2009). Normas e redistribuição: um estudo sobre condicionantes internacionais das políticas de combate ao racismo no Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 52, 71-88.

Goellner, Silvana, et al. (2009). Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer.

Góes, F. G. B., Santos, A. S. T. D., Campos, B. L., Silva, A. C. S. S. D., Silva, L. F. D., & França, L. C. M. (2021). Utilização do software IRAMUTEQ em pesquisa de abordagem qualitativa: relato de experiência. *Rev. enferm. UFSM*, e63-e63.

Gomes, Nilma Lino. (2003). Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa* [online], v. 29, n. 1 [Acessado 10 Agosto 2021] , pp. 167-182. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>>.

Gondin, S. M. G. (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação*. (Ribeirão Preto, SP), v.12, n.24, p.149-162.

Guimarães, Antônio Sérgio A. (2017). Preconceito racial: modos, temas e tempos. Cortez Editora.

Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo. (2002). Classes, raças e democracia. Editora 34.

Hughes, D. et al. (2006). Parents' ethnic-racial socialization practices: a review of research and directions for future study. *Developmental Psychology*, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 747-770, 2006. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2006-11399-001>.

Hughes, D., Harding, J., Niwa, E. Y., Toro, J. D., Way, N. (2017). Racial socialization and racial discrimination as intra- and intergroup processes. In Rutland, A., Nesdale, D., Brown, C. S. (Eds.), *The Wiley handbook of group processes in children and adolescents* (pp. 241–268). John Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781118773123.ch12>

Hutz, Claudio Simon. (2014). *Avaliação em psicologia positiva*. Artes Médicas Editora.

Jesus, Camila Moreira. (2012). Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco.

Jesus, L. H. (2018). Professora, mulher negra e a lei da diversidade. *Periferia*, 10(2), 67-79.

Kilday. et al. (2020). Coping with discrimination from peers and adults: Implications for adolescents' school belonging. *Journal of youth and adolescence*, 50(1), 126-143.

Kinalski, Daniela Dal Forno et al. (2017). Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. *Revista brasileira de Enfermagem*, v. 70, p. 424-429.

Kowal, Emma; Franklin, Hayley; Paradies, Yin. (2013) Reflexive antiracism: a novel approach to diversity training. *Ethnicities*, v. 13, n. 3, p. 316-337, 2013.

Leite, L. H. D.; França, D. X. (2022) Estratégias da Psicologia Social nas Ações de Combate ao Racismo em Professores. 2022. Relatório de PIBIC. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

Lima, Gildete Rainha. Rezende, Alexandre Luiz G. (2009). Representações Sociais da Discriminação Racial por Adolescentes no Contexto Escolar.

Lima, Márcia. (2010). Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. *Novos estudos CEBRAP*, n. 87, p. 77-95.

Lima, Marcus Eugênio Oliveira. (2020). Psicologia social do preconceito e do racismo. Editora Blucher.

Lima, Marcus Eugênio Oliveira; Vala, Jorge. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia (Natal)*, v. 9, n. 3, p. 401-411.

Lima, M. E. O., Barbosa, I. H. A., Araujo, E. M. S., & de Almeida, J. N. (2020). Construção e validação da Escala de Racismo Revitimizador. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 11(2), 130.

Machado, L. H. A. (2007). Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogias anti-racistas. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2569/3360.pdf?sequence=1>.

Machado, Adriana Marcondes. (1997). Psicologia escolar: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Maggie, Y. (2008). Pela igualdade. *Revista Estudos Feministas*, 16, 897-912.

Matos, Patrícia Modesto; França, Dalila Xavier de. (2021). Socialização

étnico-racial e racismo: dos saberes afro-brasileiros e africanos à construção da identidade étnico-racial. *Educar em Revista*, v. 37.

Máximo, T. A. C. D. O., Larrain, L. F. C. R., Nunes, A. V. D. L., & Lins, S. L. B. (2012). Procesos de identidad social y exclusión racial en la infancia. *Psicologia em Revista*, 18(3), 507-526.

Miranda, Luciana Lobo et al. (2021). “Como Quebrar os Padrões Sociais?": o Racismo no Cotidiano de Jovens Pesquisadores. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2021.

Miura, Paula Orchiucci et al. (2018). Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. *Psicologia & Sociedade*, v. 30.

Moreira, Antonio Flavio Barbosa; Candau, Vera Maria. (2006). Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos.

Moreira-Primo, U. S.; França, D. X. (2020). Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar?. *Revista UNIABEU*, V.13, Número 33, Número especial, janeiro-junho de 2020.

Moreno Fernandes, P. (2022). O racismo brasileiro a partir da Publicidade: um olhar sobre a representatividade em anúncios de revista. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 19(54).

Morgan, D. (1997). Focus group as qualitative research. *Qualitative Research Methods Series.16*. London: Sage Publications.

Munanga, Kabengele (Org.). (1999). *Superando o racismo na escola*. 2ª edição revisada.

Munanga, K. (2005). *Superando o racismo na escola*. Unesco.

Munanga, K. (2015). Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

Munanga, Kabengele. (1996). As facetas de um racismo silenciado. *Raça e diversidade*, p. 213-229.

Munanga, Kabengele. (2012). NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?. I Seminário Municipal de Formação de Professores Para Relações Étnico-Raciais. *Revista da ABPN* • v. 4, n. 8 • jul.–out. 2012.

Nesdale, D., Brown, C. S., & Rutland, A. (2017). Researching children's social groups: methods and measures. *The Wiley handbook of group processes in children and adolescents*, 67-97.

Nunes, Sylvia da Silveira. Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Nunes, K. D. C. S., & Rezende, V. M. (2021). DOSSIÊ: Direito à educação básica e superior em tempos de pandemia–políticas de permanência e qualidade. *REPOD - Revista Educação e Políticas em Debate* – v. 10, n. 3, p. 980-987

Pereira, Marcos Emanuel, Álvaro, José. Luís., Oliveira, Andreia. C., & Dantas, Gilcimar. S. (2017). Estereótipos e essencialização de brancos e negros: um estudo comparativo. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 144-153, 2011.

Pizzol, S. J. S. (2004). Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. *Rev. Econ. Sociol. Rural: Brasília*, p. 451-468.

Pombo, Olga. (2005). Interdisciplinaridade e integração de saberes.

Prioste, Cláudia Dias. (2016). O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Proni, Marcelo Weishaupt; Gomes, Darcilene Claudio. (2017). Precariedade ocupacional: uma questão de gênero e raça. *Estudos Avançados*, v. 29, n. 85, p. 137-151, 2015. Temas de direitos humanos. Editora Saraiva..

Purificação, T. S., & Castelar, M. (2017). MILITANTES NEGROS E O RACISMO NA MÍDIA SOTEROPOLITANA. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 6(2), 83-93.

Quintana, S.M.; Benjamin, J.; Leverett, P. (2017). Essentialism and Children's Reasoning about Race and Ethnicity. In Rutland, A., Nesdale, D., Brown, C. S. (Eds.), *The Wiley handbook of group processes in children and adolescents*. John Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781118773123.ch12>

Raimundo, V. J., & de Jesus, D. F. (2020). O racismo na atualidade e o conhecimento como estratégia para seu enfrentamento: Entrevista com o Professor Doutor Silvio Almeida. *Em Pauta*, 18(45), 254-261.

Riedmann, A. & Stefoni, C. (2015). Sobre el racismo, su negacion y las consecuencias para una educacion anti-racista em la enseñanza secundaria chilena. *Polis revista latino-americana*, 42, p. 191-216. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682015000300010>

Rosa, A. B. (2017). Currículo e identidades étnico-raciais: desafios na implementação da lei 10.639/03 no ensino médio da EJA em Alvorada/RS. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) -Escola de Humanidades, Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em:
<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7357>.

Sacco, Airi M.; Couto, Maria Clara P. De Paula & Koller, Sílvia H. (2016).
Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial.
Temas psicol. [online], vol.24, n.1, pp. 233-250. ISSN 1413-389X.
<http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-16>.

Santos, C. F. D. (2014). Escola e preconceito: relações raciais na ótica dos
professores. Dissertação, RIUFS.

Santos, F. S. D. (2018). Racismo e escola: reflexões sobre manifestação do
racismo no espaço escolar.

Santos, Isabel Passos de Oliveira et al. (2014). A lei nº 10.639/03 e sua
implementação nas escolas municipais de Campinas.

Santos, Israel Jairo. (2018). Ameaça do estereótipo em jovens negros na
escolha profissional.

Santos, J.; França, D.X.; Moreira-Primo, U.S. (2020). Socialização étnica de
professores. *In* Processos psicossociais de exclusão social/ Lima, M.E.O; França,
D.X; Freitag, R.M.K – 1. ed. – São Paulo: Blucher Open Access.

Santos, Joana dos. (2021). Intervenção em socialização étnica: efeitos sobre
a identidade e autoestima individual e grupal de crianças negras. 2021. 92 f.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São
Cristóvão.

Santos, N. F.; Vasconcelos, T. C. Silêncio, docência e práticas educativas:
desafios, perspectivas e estratégias para uma educação antirracista. Congresso
Internacional de Educação e Inclusão, 2014.

Santos, Silvana Mara De Moraes Dos; Oliveira, Leidiane. (2010). Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços.

Schwarcz, Lilia Moritz. (1998). Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, v.4.

Silva Júnior, P. R., Martins, S., & dos Santos, M. M. (2022). FOGO NOS RACISTAS: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL EM PSICOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 15(2, jul-dez), 316-345.

Silva, G. M., & Reis, E. P. (2015). Interpretações e reações à estigmatização étnico-racial: narrativas dos negros brasileiros em perspectiva comparada. *Interseções: Revista de estudos interdisciplinares*, 17(2).

Silveira, Paulo Roberto Cardoso, Silveira. M.I.C.M. (2011). Identidade negra em construção: um estudo sobre o processo de identificação das jovens negras através da dança-afro. Universidade Federal da Bahia.

Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-constructivista. *Psicologia & Sociedade*, 15, 18-42.

Stathi, Sofia and Cameron, Lindsey and Hartley, Bonny and Bradford, Shona. (2014). Imagined contact as a prejudice reduction intervention in schools: The underlying role of similarity and attitudes. *Journal of Applied Social Psychology*, 44 (8). pp. 536-546. ISSN 0021-9029.

Souza, I. S. (2005). Trabalhando com o preconceito e a discriminação na sala de aula. *Valores, preconceito e práticas educativas. São Paulo, Casa do Psicólogo.*

Souza, M. T. D., Silva, M. D. D., & Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), 8, 102-106.

Sosa, V.L., & Martin, M. (2021). Constructions of race and equity in a suburban school: Teachers, school social workers, and other school staff as nepantleras and border crossers. *Children & Schools*, 43(1), 19-31.

Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp.33-47). Monterrey, CA: Brooks and Cole.

Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Horizonte Trad, Leny A. Bomfim. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: revista de saúde coletiva*, v. 19, p. 777-796.

Tropp, L. R., White, F., Rucinski, C. L., & Tredoux, C. (2021). Intergroup contact and prejudice reduction: Prospects and challenges in changing youth attitudes. *Review of General Psychology*, 10892680211046517.

Tropp, L.R., Rucinski, C.L. How implicit racial bias and concern about appearing racist shape K-12 teachers' race talk with students. *Soc Psychol Educ* (2022). <https://doi.org/10.1007/s11218-022-09715-5>.

Turner, J. C. (1985/2010). Social categorization and the self-concept: A social cognitive theory of group behavior. In T. Postmes & N. R. Branscombe (Eds.), *Rediscovering social identity*. (pp. 243-272). New York, NY US: Psychology Press.

Ucelli, Marcelo Loureiro. (2016). Lugares de diferenças: O papel das Escolas e dos educadores na formação do sujeito negro-gay. Olhares para os processos de exclusão/inclusão na diversidade. IN:4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade. 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero. Vitória – ES.

Ulger, Z.; Dette-Hagenmeyer, DE.; Reichle, B. & Gaertner, SL. (2018). Improving outgroup attitudes in schools: A meta-analytic review. *Journal of School Psychology* 67, p. 88–103. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2017.10.002>

Ulger, Zuhail. (2018). *Intergruppenbeziehungen in der Schule-Eine zusammenfassende Darstellung und Evaluation theoretischer und angewandter Maßnahmen zur Änderung von Einstellungen gegenüber Mitgliedern von Fremdgruppen (Intergroup relations in schools-A summary and evaluation of theoretical and practical approaches to change attitudes toward outgroup members)*.

Vaughn, S. et al.(1996). *Focus group interviews in education and psychology*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Veiga, L. & Gondim, S. M. G. (2001). A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. *Opinião Pública*. 2. P. 1-15.

Vrijdags, Amanda Cezar; Fernandes, Sheyla Christine Santos. (2017). *Introjeção de Normas Sociais e Expressão Indireta de Preconceito em Crianças*. *Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo*, v. 9, n. 2, p. 42-60, dez.

White, RW. (1974/1985). *Strategies of adaptation: na attempt at systemic description*. In: Monat, A.; Lazarus, R. S. (orgs). *Stress and coping: na anthology*. New York: Columbia University Press, p. 121-143.

Apêndice



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Sergipe

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Como todo projeto pode ser passível de riscos e benefícios, os que podem ocorrer nesse são: o desconforto ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre racismo. Pedimos que, por gentileza, fique à vontade em interromper a sua participação, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade. Os dados provenientes do estudo serão compartilhados apenas entre os pesquisadores colaboradores da pesquisa e analisados por meio do software (IRAMUTEQ). Os resultados obtidos por essa pesquisa serão publicados em formato de artigos científicos, eventos científicos, bem como no produto final, que será a dissertação. O(a) participante, sempre que julgar necessário, poderá entrar em contato com a pesquisadora Amanda Lorena Bezerra Pereira, responsável pelo estudo, através do e-mail “amandavader@academico.ufs.br” ou pelo telefone “(75) 99851 4844” ou no endereço “Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Av. Marechal Rondon, s/n, São Cristóvão/SE, CEP: 49.100-000, 1º andar da didática 02”. Você pode ainda entrar em contato com o CEP para esclarecer dúvidas, fazer reclamações ou denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFS pelo e-mail “cep@academico.ufs.br”, pelo telefone “(79)3194-7208” ou pelo endereço “Rua Cláudio Batista s/nº, bairro Sanatório, Aracaju-SE. Você pode ainda, caso sinta necessidade, entrar em contato com a pesquisadora responsável para que esta providencie encaminhamento a serviço de atendimento psicológico sem custos ao participante. As dúvidas sobre a pesquisa poderão ser ainda esclarecidas com a pesquisadora responsável, que está sob orientação da Profa. Dra. Dalila Xavier de França, orientadora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Sendo sua resposta positiva em participar dessa pesquisa, garante-se o direito do sigilo, privacidade e anonimato dos dados pessoais. **Você tem direito a uma via do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).** Você confirma que é professor do ensino fundamental 2 ou médio e concorda em participar desta pesquisa?

Li e concordo em participar da pesquisa () Sim () Não

Ass: